

A fortuna crítica de Alberto Caeiro

José Blanco

1. Os pioneiros (1925-1946)

Alberto Caeiro (1889-1915) fez a sua primeira aparição pública (póstuma) em Janeiro de 1925, nas páginas do nº. 4 da revista *Athena*, em que Fernando Pessoa publicou uma selecção de 23 poemas de “O Guardador de Rebanhos.” No número seguinte, de Fevereiro, Pessoa revelaria 16 dos “Poemas Inconjuntos.”

A primeira edição em livro da obra “completa” de Caeiro é de Agosto de 1946, no terceiro volume das *Obras Completas de Fernando Pessoa* da Ática. Consideraremos, assim, como “pioneiros caeirianos” os autores que, até 1946, se debruçaram sobre o autor de “O Guardador de Rebanhos.” São eles José Régio, João Gaspar Simões, Pierre Hourcade (em França e em Portugal), Manuel Anselmo, Guilherme de Castilho, Charles-David Ley, Adolfo Casais Monteiro, Cecília Meireles (no Brasil), Vitorino Nemésio e David Mourão-Ferreira.

É no próprio ano da publicação dos poemas de Caeiro na *Athena* (1925) que o nome de Caeiro é publicamente citado, pela primeira vez, por outrem que não Pessoa. José Régio, na sua dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*, publicada em Vila do Conde sob o seu verdadeiro nome José Maria dos Reis Pereira, refere-se a Fernando Pessoa como “o mais original, o mais completo e o mais poderoso dos nossos modernistas,” que “inventou esses vários pseudónimos com que vai revelando os vários aspectos da sua sensibilidade e as várias atitudes do seu espírito.” Régio sublinha que Pessoa se chama “Álvaro de Campos ou Alberto Caeiro quando assina tentativas em que preferentemente revela o destrambelho da sua sensibilidade, o cansaço da Metafísica ou da Razão, o seu apelo à Intuição pura.”¹

Em 1929, João Gaspar Simões publicava nas edições *Presença*, de Coimbra, o seu primeiro livro de crítica literária, com o título *Temas*, no qual incluía o ensaio “Fernando Pessoa.”² Nesta segunda referência pública à obra de Pessoa, Gaspar Simões (que termina o seu texto declarando profeticamente “Fernando Pessoa é, sem dúvida, em Portugal, um escritor cuja obra só dentro de vinte ou trinta anos será, devidamente, admirada e compreendida!”), refere-se à questão da heteronímia, escrevendo: “O sensualismo, o realismo, de Álvaro de Campos, distingue-se, perfeitamente, do puro cerebralismo, do perfeito desumanismo estético de Pessoa; como o puro esteticismo, o helenismo, de Ricardo Reis, se distingue dum misto de realismo-intelectualismo-esteticismo de Alberto Caeiro, que o próprio Pessoa considera progenitor espiritual dos outros dois.”

E, mais adiante, dedica especial atenção a Caeiro, em relação ao qual comenta: “a Alberto Caeiro pertence não deixar cair, excessivamente, Álvaro de Campos, no desgosto e na brutalidade da vida, e refrear a propensão gongorista de Ricardo Reis—a sua tendência a querer reduzir a poesia a um puro valor de expressão—mostrando-lhe um pouco a inutilidade e a fragilidade da nossa existência. Alberto Caeiro é, portanto, simultaneamente, o intelectualista Fernando Pessoa, o realista Álvaro de Campos e o esteticista Ricardo Reis. Alberto Caeiro é a síntese que Fernando Pessoa evita refugiando-se na sua patética concepção desumanizadora da arte; na sua tristeza de emigrado do mundo concreto.”

No ano seguinte, em Junho de 1930, Alberto Caeiro surge em França, pela pena de Pierre Hourcade. No seu célebre artigo “Rencontre avec Fernando Pessoa,”³ Hourcade revela aos leitores franceses nas páginas do nº. 3 da revista parisiense *Contacts* a figura desse poeta que “n’est pas un: il ‘est quatre.’ Fernando Pessoa, c’est Álvaro de Campos, mais c’est aussi Alberto Caeiro, c’est encore Ricardo Reis, c’est enfin, parfois, Fernando Pessoa.” E conta a história destes quatro poetas, sublinhando que numa manhã de Março de 1914 “surgit dans un éclair Alberto Caeiro. En ce nouvel avatar s’incarnait la conscience tueuse d’illusions, le lyrisme désespérément fort qui arrache l’homme au romantisme de la nature humaine ‘qui l’invite et qui l’aime.’ Une glaciale tempête de lucidité valéryenne soufflant en insistantes rafales à la Péguy, emporta Caeiro comme il était venu, tout en laissant pour traces de son passage une soixantaine des plus singuliers poèmes, réunis notamment dans le ‘Gardien de Troupeaux’ et les ‘Poèmes non-conjoints.’ Álvaro de Campos, du coup, se réveilla (...).”

Na parte final do seu histórico artigo, Pierre Hourcade não deixa de sublinhar que tanto o “sauvage” Campos como o “humaniste” Reis conservam “la mémoire et l’empreinte d’Alberto Caeiro, leur troublant père défunt.”⁴

Nesse mesmo ano de 1930, Pierre Hourcade colaborava no *Bulletin des Études Portugaises*, do Instituto Francês em Portugal, com o artigo “Panorama du modernisme littéraire au Portugal,” que constituiu também uma separata editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Nesse estudo fala de Alberto Caeiro, que, tal como Álvaro de Campos, “se souvient peut-être aussi *des Feuilles d’Herbe [de Walt Whitman]*, mais il a dépouillé délibérément toute chaleur lyrique, martelant, en un retour incessant à la Péguy, la plus abstraite affirmation de solitude, le plus obstiné désir de ne point humaniser l’Univers, de le dresser en face de la conscience comme une muraille sans yeux et sans âme. L’accent unique de la poésie, philosophique sans le vouloir, du *Guardador de Rebanhos (Le Pasteur de troupeaux)* atteint à un degré d’intensité presque physique tout en décrivant le drame de la conscience lucide qui se dévore elle-même en refusant d’être dupe de la matière.”⁵

Pierre Hourcade voltaria a referir-se a Alberto Caeiro no artigo que, em Janeiro de 1933, publicou na revista *Cahiers du Sud*, sob o título “Littérature Portugaise. Brève introduction à Fernando Pessoa.”⁶ Aí escreve que Caeiro é “exactement l’anti-symbolisme; c’est l’homme contre l’anthropomorphisme. Toute la lucidité de la connaissance s’use en lui à dépouiller l’univers et le vivant des prestiges de la métaphore poétique. Aucun panthéisme abstrait, aucun préjugé philosophique n’entre dans cette attitude.” Qualificando a obra de Caeiro como “l’amer breuvage que distille le ‘berger sans troupeaux,’” Hourcade conclui que “ramenée sur le plan esthétique, cette tentative est en somme un congé définitif signifié non sans rudesse à toutes les gentillesse de l’art symbolique et incantatoire. Tentative considérable, mais purement négative.”

Tal como João Gaspar Simões o havia feito, Manuel Anselmo reconhece no seu “Breve ensaio sobre a poesia portuguesa contemporânea,” datado de Outubro de 1933 e incluído na obra *Soluções Críticas* editada pela Universidade de Coimbra em 1934, o papel central do autor de “O Guardador de Rebanhos” na poética de Fernando Pessoa. Manuel Anselmo começa por opinar que “o fundo lírico, tradicionalmente português, está reduzido a um auxiliar da ambição dramática de certos poetas contemporâneos. Acima de tudo interessa-lhes a paisagem íntima, os seus gloriosos monólogos de dúvida e de renúncia.”

Neste contexto, “Fernando Pessoa, seguindo a bela esteira de Mário de Sá-Carneiro, seria um exemplo feliz se eu não conhecesse as suas diferentes personalidades poéticas. Mas dentro de Fernando Pessoa, a-portas-a-dentro do seu báratro trágico, o vulto donairoso de Alberto Caeiro promete-nos uma definição integral. Aos motivos genuinamente líricos são preferidos os gritos desiludidos de uma inteligência assaltada de angústias.”

Para Manuel Anselmo: “Fernando Pessoa é, acima de tudo, um conflito entre Alberto Caeiro e as suas outras personalidades. Esse conflito tanto o pode levar a um acto de irreflexão lírica (demonstra-o a formosa poesia “O menino da sua mãe”), como o conduz a páginas cheias de complexidades e de torturas nietszcheanas como as do *Banqueiro Anarquista*. Daí não sabermos nunca quando se evidencia em Fernando Pessoa o poeta, o artista, o filósofo, o céptico ou o desiludido. Portanto a sua poesia só pode interessar verdadeiramente os poucos que pressintam em si afinidades com a angústia da sua inteligência, sempre fora das coisas e das emoções humanas.”

O nome de Caeiro só volta a ser citado por ocasião da morte de Fernando Pessoa. João Gaspar Simões, no seu artigo “Fernando Pessoa, o poeta intemporal” publicado no Suplemento Literário do *Diário de Lisboa* de 6 de Dezembro de 1935,⁷ recordava que o poeta havia publicado em 1934 “o pequeno livro de poemas *Mensagem*. Pequeno livro, digo, (...) porque em face dos *Poemas dos Guardadores [sic] de Rebanhos*, assinados por Alberto Caeiro e publicados na revista *Athena*, esse volume é, materialmente, pequeníssimo (...).”⁸

E, a terminar o seu texto, citava seis versos do famoso VIII Poema: “Em Portugal confunde-se humanidade com vulgaridade. Daí a incompreensão que sempre rodeou o poeta da *Mensagem*. Nele, talvez pela primeira vez em Portugal, o nosso lirismo subiu de expressão primária a uma modalidade superior de expressão. O tempo dirá se temos razão. E, entretanto, enquanto o tempo se não manifesta sobre um dos maiores escritores de Portugal, enquanto o poeta Menino Jesus de todas as religiões—Fernando Pessoa acreditava racionalmente em todas—a quem pedia:

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.

Pede-lhe que dispa o ser cansado e humano, enquanto o Menino Jesus o despe, digamos nós com o poeta aqueles que o deixaram morrer como costumam morrer em Portugal os homens superiores:

Ó grandes homens do Momento!
 Ó grandes glórias a ferver
 De quem a obscuridade foge!
 Aproveitem sem pensamento!
 Tratem da fama e do comer,
 Que amanhã é dos loucos de hoje!

Em Julho de 1936, no nº. 48 da revista *Presença* dedicado a Fernando Pessoa, Guilherme de Castilho publica "Alberto Caeiro. Ensaio de compreensão poética," a primeira análise crítica da obra do autor de "O Guardador de Rebanhos." Neste texto clássico, que foi (e continua a ser) abundantemente citado pelos exegetas pessoanos,⁹ o objectivo de Castilho é fazer "uma análise puramente compreensiva do pensamento poético de Alberto Caeiro," através "de todas as posições quer explícitas quer implícitas na sua obra que documentam a sua atitude fundamental perante a vida, perante o universo e perante os valores." Restringindo o seu trabalho "ao campo exclusivamente da compreensão," reserva para objecto de um futuro estudo (nunca realizado) "a crítica valorativa e judicativa da obra de Alberto Caeiro."

Castilho sublinha que, embora se reduza materialmente a poucos poemas (os publicados por Pessoa na *Athena*), a obra de Caeiro "é das mais vastas, talvez a mais vasta de toda a nossa literatura poética." Isto porque, "nessas duas breves colecções de poemas (...) encontramos nem mais nem menos que as bases essenciais duma metafísica, duma estética, duma teoria do conhecimento e até duma ética, duma religião e duma sociologia."

Poeta a quem falta a cultura, há em Caeiro uma grande parcela de positivismo, que será "o ponto de partida essencial para aquele esforço de que os seus poemas são o resultado final." Todas as suas posições, quer perante a Natureza, quer perante os valores éticos, sociológicos ou estéticos, são o resultado duma desumanização extremista.

Partindo do primeiro verso do V poema de "O Guardador de Rebanhos" ("Há metafísica bastante em não pensar em nada"), verifica-se que, em termos metafísicos, Caeiro *"elimina o infinito, o transcendente, a intenção essencial, o mistério das coisas, em resumo;* a sua obra reflecte *'a negação de toda a*

ciência que não seja baseada no empirismo puro dos sentidos.” Exclusivamente sensualista, o seu extremo nominalismo leva-o até à negação do próprio conceito de Natureza, que poderá identificar-se com aquele “*flatus-vocis*” de que já falava Roscelino.

Para Caeiro, “inculto guardador de rebanhos que outra notícia não tem do mundo senão aquela que ao seu conhecimento os sentidos lhe vão trazendo no seu contacto de todos os dias,” a beleza é “o nome duma coisa que não existe.” O seu universo obedece ao auto-determinismo inconsciente em que “a explicação de cada fenómeno reside precisamente no facto de não ter explicação alguma”—daí, a negação de um Deus que transcenda o conhecimento dos sentidos e a própria Natureza.

Um prolongamento da atitude fundamental de Caeiro perante a vida e o universo, revela-se claramente na posição que toma perante os valores éticos e sociológicos: o seu determinismo, utilitarista nas suas conseqüências, dá-lhe uma visão optimista e tranquilizante da vida. Para Castilho, finalmente, a posição de Caeiro pode chamar-se, sem paradoxo, “egotismo humanitário”: toda a infelicidade dos homens deriva do injustificado desejo “de não nos contentarmos com o espaço do céu que abrange o nosso olhar e a porção de terra que pisam os nossos pés. Queremos saber se é mais azul o céu que a este foi dado contemplar ou se é mais firme a terra que aquele pisa nos seus passos, eis a origem de todo o mal, o ponto de partida de todas as desarmonias sociais.”

Manuel Anselmo, noutro ensaio sobre a poesia de Fernando Pessoa, datado de Agosto de 1936 e publicado em 1937,¹⁰ analisa a concepção pessoana do universo: “Através da sua concepção de Deus, depreende-se que o Poeta não é católico nem sequer cristão (...) Deus e o universo são, para Alberto Caeiro, imagens afins (...) Afinal, para Fernando Pessoa, a vida é, apenas, o testemunho dos seus cinco sentidos, testemunho esse que a sua inteligência plasticizará e transcenderá.” E Manuel Anselmo conclui que é “nesse genial” VIII Poema de “O Guardador de Rebanhos” que Pessoa, através de Caeiro, “confessa o seu racionalismo irreverente e sincero.”

No volume *Novos Temas. Ensaios de Literatura e Estética*, publicado em Lisboa em 1938 pela Editorial Inquérito, João Gaspar Simões comenta, no ensaio “Fernando Pessoa e Paul Valéry ou as afinidades ignoradas,”¹¹ que “Alberto Caeiro é, de todos os heterónimos de Fernando Pessoa (...) o mais acessível a uma versão estrangeira,” acrescentando que a poesia de Campos, Reis ou ortónima “difícilmente resistiria, por muito virtual, à mudança de língua” (161). No mesmo ensaio, salienta os pontos de contacto e as diferenças

entre Caieiro, criação de Pessoa, e M. Teste, criação de Valéry: "A atitude positiva de Alberto Caieiro perante a natureza e a sua recusa em aceitar toda a concepção do transcendente assemelha-se ao cepticismo de Teste perante os absolutos, sejam eles do génio ou da natureza." E se nenhum deles tinha livros e para qualquer deles a natureza era a natureza, uma flor uma flor, há em Caieiro "um panteísmo amável" que contrasta com a "secura e um desencanto agressivos" de Teste (178). Para Gaspar Simões, a diferença fundamental entre Valéry e Pessoa reside em que "Teste resume todo Valéry. Alberto Caieiro resume uma parte de Pessoa. Enquanto aquele só acreditava na força da vontade intelectual, este confiava nas forças totais da personalidade (...)" (179).

No mesmo volume, noutra ensaio intitulado "Fernando Pessoa e a génese dos seus heterónimos,"¹² João Gaspar Simões conclui, a propósito do "dia triunfal," que, atribuindo um nome a esse momento poético traduzido pelos trinta e tal poemas escritos num êxtase, Pessoa "consolidava ao mesmo tempo os direitos da sua inteligência e a faculdade de poder aproveitar as fontes de inspiração inesperadamente reveladas. Alberto Caieiro serviria de etiqueta." Para Simões, eis aqui o "pastiche, a mistificação, a exploração consciente das essências misteriosas da inspiração" (188-189).

Em abono das suas considerações, Gaspar Simões cita um inédito de Pessoa sobre a "utilização da sensibilidade pela inteligência," no qual o Poeta, tomando como tema uma "aversão íntima pelo verde," trata-o poeticamente por três processos, o terceiro dos quais é o de Alberto Caieiro: dar a cada emoção ou sensação um prolongamento metafísico ou racional.

Tardavam os primeiros juízos valorativos da *poética* de Alberto Caieiro. Só em 1939, três anos depois do ensaio pioneiro de Guilherme de Castilho, o inglês Charles-David Ley publicou na *Seara Nova* um artigo intitulado "Introdução aos Poemas de Fernando Pessoa," no qual ousava afirmar não só que "Pessoa exprimiu qualquer coisa de muito essencialmente novo não só em Portugal como na Europa" mas que "Ele é seguramente o poeta mais actual e mais vivo da Europa contemporânea."

No seu artigo, Ley aborda a questão da heteronímia, acerca da qual opina: "Pessoalmente, se é certo que me interessa a novidade psicológica do facto, não julgo que possa concordar com os heterónimos de Pessoa, considerados como experiência poética." E criticando a obra do primeiro deles, Alberto Caieiro, escreve que este "constantemente sacrifica, por exemplo, os efeitos poéticos ao afirmar da sua filosofia pessoal, ou, por outras palavras, o autor considera o poder dramático por detrás dessa filosofia suficiente para justificar o descuidar a

“perfeição” poética nos poemas. Isto, porém, não se dá no poema mais longo de Caeiro, o do Cristo Menino, que é muito superior aos outros.”¹³

Em Maio de 1942, a editorial Confluência publicava a primeira antologia pessoana, com introdução e organização de Adolfo Casais Monteiro. Nela se reproduziam 10 poemas de “O Guardador de Rebanhos” e 4 dos “Poemas Inconjuntos.”¹⁴ Como é sabido, a obra foi retirada da circulação por decisão judicial num processo movido pela Ática, que então preparava a edição das *Obras Completas de Fernando Pessoa*, cujo primeiro volume foi posto à venda logo a seguir à saída da antologia da Confluência. Na sua introdução, Casais Monteiro, ao tratar da questão da heteronímia, aventa a hipótese de ela resultar da exigência de um espírito de artista criador que não ousaria ser em seu nome próprio o autor dos poemas de Álvaro de Campos ou “da metafísica anti-metafísica de Caeiro.” De qualquer modo, para Casais Monteiro, “há uma absoluta unanimidade entre Fernando Pessoa ele mesmo, Álvaro de Campo, Alberto Caeiro e Ricardo Reis: é a igual genialidade das respectivas criações.”

Em 1944, no Rio de Janeiro, Cecília Meireles publica a sua antologia *Poetas Novos de Portugal* (Edições Dois Mundos), em cujo prefácio refere Alberto Caeiro, mas apenas através de citações do próprio Fernando Pessoa.

Vitorino Nemésio debruçou-se pela primeira vez, em 1945, sobre a obra de Fernando Pessoa, num artigo publicado no *Diário Popular* sob o título “O Sincero Fingido,” que é uma recensão (alargada) do volume de cartas de Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, publicado nesse ano.

Nemésio avança neste artigo uma interpretação literária da heteronímia, sustentando que “os géneros e estilos em [que] cada um dos nomes usados por Fernando Pessoa se exprimem, ajudam a fixar e a isolar, não tanto as suas personalidades como as suas “maneiras.” Neste contexto, e em contraste com o estilismo latinizante de Reis e o versilibrismo e o mecanicismo de Álvaro de Campos, “a écloga e o verso livre conversado de Alberto Caeiro individualizam-no como um lírico metafísico e serenado.”

No n.º. 4 da revista lisboeta *Aqui e Além...*, publicado em Abril de 1946—ou seja, quatro meses antes de a Ática publicar a primeira edição “completa” dos *Poemas* de Alberto Caeiro—um estudante de dezoito anos escrevia sobre Caeiro. O artigo tinha por título “O ‘caso’ de Alberto Caeiro” e era seu autor David Mourão-Ferreira.

O texto—que é o primeiro consagrado a Pessoa por alguém da geração do jovem Autor—começava com a afirmação desassomburada de que “Alberto

Caeiro, encarado sob um ponto de vista estético—ou melhor: sob um ponto de vista formal—é um poeta medíocre.” E como se parafraseasse o comentário de Charles-David Ley, Mourão-Ferreira escreve: “Nos versos de Alberto Caeiro não há poesia; há constantes afirmações da sua existência; frequentes definições da maneira de o poeta encarar “a espantosa realidade das coisas,” porém a poesia não chega a existir. E se aqui e ali aflora, vem sobrecarregada da preocupação de tudo querer afirmar e definir. Pode dizer-se, em resumo, que toda a obra de Alberto Caeiro é um manifesto de uma poesia, quase totalmente irrealizada. (Exceptuemos o “Oitavo Poema do Guardador de Rebanhos”—sem dúvida, o mais poético dos seus poemas).”

David Mourão-Ferreira conclui coerentemente o seu ensaio afirmando: “Como personagem do drama mental de Fernando Pessoa—e é assim que devemos considerar todos os seus heterónimos—, Caeiro está absolutamente certo e coerente, exprimindo-se como Pessoa desejou que ele se exprimisse: o mal é que essa expressão só muito raramente atinja significação poética. O “caso” de Caeiro é um exemplo do perigo de criar, no campo artístico, segundo uma atitude preconcebida ou um figurino previamente delineado.”¹⁵

Tratados assim os autores pioneiros de bibliografia sobre Alberto Caeiro, são a seguir apresentados os textos caeirianos posteriores a 1946, sob a forma bibliográfica clássica, ou seja, através de verbetes indexados pelo nome dos respectivos autores.

A bibliografia tem carácter selectivo, referenciando, salvo algumas excepções, os textos de que Alberto Caeiro é o tema central, senão exclusivo.

Aos dados de carácter bibliográfico de cada verbete acrescentam-se, em itálico, não *abstracts* objectivos e completos, mas aquele ou aqueles pontos que, num critério pessoal necessariamente subjectivo, se nos afiguram mais relevantes em cada texto.

2. Cinquenta e dois anos de crítica (1946-1998)

Siglas utilizadas:

Actas I *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*

Actas IV *Actas do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*

C.E.P. *Centro de Estudos Pessoaanos*

C.I.E.P. *Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*

E.I.C.F.P. *Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*

J.U.C.F. *Juventude Universitária Católica Feminina*

S.E.C. *Secretaria de Estado da Cultura*

U.S.D.P. *Um Século de Pessoa*

AC1. Abelaira, Augusto. "Sinceridade e falta de convicções na obra de Fernando Pessoa." *Mundo Literário* 51 (26/4/1947).

Pessoa está ao abrigo daquilo a que Unamuno chamava a tirania das ideias: tinha ideias, não era tido por elas. Mas como toda a regra tem excepção, casos há em que Pessoa é tido pelas ideias—e isso na sua juventude e por sinal com aquele que será o maior dos poetas portugueses: Alberto Caeiro.

AC2. Almeida, Onésimo Teotónio. "Sobre a mundividência Zen de Pessoa-Caeiro (O interesse de Thomas Merton e D.T. Suzuki)." *Nova Renascença* VI, 22 (Primavera 1986): 146-152.

A partir das cartas de Thomas Merton, revela-se a origem do seu interesse pela poesia de Alberto Caeiro, na qual encontrou uma forte influência Zen. Merton conheceu Pessoa pela tradução em castelhano de Octavio Paz e teve acesso à obra pessoana em português através da Irmã M. Emmanuel de Sousa e Silva, uma religiosa brasileira que era sua tradutora no Brasil. Merton também se correspondeu sobre a poesia de Caeiro com o Mestre Zen Daisetz Suzuki e com o Prof. Hiromu Morishita.

AC3. Alvarenga, Fernando. "Do Paulismo ao Interseccionismo: O encontro com a arte da 'Europa.'" *Actas IV, Vol. I*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1990. 229-235. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988).

Tanto nos poemas de Alberto Caeiro como no poema ortónimo "Chuva Oblíqua" estabelecem-se participativamente duas correntes artísticas de cunho europeu, cada qual com a sua "plasticidade" própria: o Impressionismo e o Futurismo, que assim fazem a sua entrada na arte literária portuguesa.

- AC4. ———. “O hedonismo impressionista de Alberto Caeiro segundo Ricardo Reis.” U.S.D.P. Lisboa: S.E.C., 1990. 105-108. (Comun. ao E.I.C.F.P., Lisboa, 5-7 Dezembro 1988).
- Verificação, em Ricardo Reis, de uma consciência das vertentes impressionistas de Alberto Caeiro. Este é, fundamentalmente, aquilo que Reis lhe detecta: um poeta dirigido pelo pensamento de um filósofo-esteta.*
- AC5. Anastasia, Luís Víctor. “Alberto Caeiro.” *Fernando Pessoa. Pensamiento estético, poético, histórico y político*. Montevideo: El Hilo en lo Labirinto, 1996. 245-253.
- Paráfrase de “O Guardador de Rebanhos” e dos “Poemas Inconjuntos.”*
- AC6. Anón. “Alberto Caeiro *completo* em livro organizado por Teresa Sobral Cunha. O Mestre em corpo inteiro.” *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias* 601 (3/1/1994): 8.
- Notícia da publicação de Fernando Pessoa. Poemas Completos de Alberto Caeiro. Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha, acompanhada de dois poemas inéditos e de um texto parcialmente inédito de Ricardo Reis sobre a obra de Caeiro.*
- AC7. Azevedo, Maria Teresa Schiappa de. “Fernando Pessoa e o nome das flores: o girassol e o malmequer.” *Cadernos de Literatura* 21 (1985): 50-66.
- No âmbito próprio que, no espaço vivido da Natureza, a flor ocupa em Pessoa, estudam-se, como “flores da circularidade e da identidade,” o malmequer (presente nos poemas ortónimos) e o girassol (na obra de Alberto Caeiro). Ver, olhar, fitar e o correlativo “pasma essencial,” que a pretendida inocência de Caeiro lhe associa, gravitam na órbita semântica do girassol, flor entre todas amada por Pessoa, que desperta e traz para a luz todas as formas e forças vivas da sua poesia.*
- AC8. Azevedo Filho, Leodegário de. “As várias dimensões de poesia de Fernando Pessoa.” *Fernando Pessoa. Estudos críticos*. João Pessoa: Associação de Estudos Portugueses Hernâni Cidade, Universidade Federal da Paraíba 1985. 92-100. (Repr. sob o título “Fernando Pessoa e suas dimensões poéticas” no seu *Literatura portuguesa-História e emergência do novo*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro e Universidade Federal Fluminense, 1997. 102-117).

Em termos de predominância, na poesia de Alberto Caetano a linguagem faz-se em base metonímica, nela se inserindo algumas vezes a metáfora. A poética pessoana pode descrever-se como um losango, de que Caetano é o centro das reacções opostas de Reis (tese) e de Campos (antítese) e Fernando Pessoa ele-mesmo a síntese.

AC9. Balso, Judith. "Les pessoas-livros." *La Politique des Poètes*. Paris: Albin Michel, 1992. 161-214.

Alberto Caetano interrompe, do interior da poesia, "la vocation de celle-ci à l'auroral de la Présence, ou à la nostalgie de son retrait." O conjunto de "O Guardador de Rebanhos" determina a travessia do poeta que tem como objectivo "être moi, non pas Alberto Caetano, mais un animal humain que la Nature a produit. Alberto Caetano est ainsi finalement le nom de celui qui s'efforce de n'être pas Alberto Caetano." Conclui-se que "il est décisif qu'il y ait un tel poète; et non que la poésie soit cela." É a dupla ruptura na própria poesia, aparecida com Caetano e por ele realizada, que lhe assegura a posição de Mestre na constelação heteronímica.

AC10. Bandeira, Manuel. "Os Vários Fernando Pessoa." *Andorinha, andorinha em Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1977. 691.

O Autor confessa que prefere a obra ortónima à dos heterónimos. Entre estes destaca Alberto Caetano, talvez porque nele se encontra "muito de Fernando Pessoa."

AC11. Barros, Helena. "O Paganismo-Zen em Alberto Caetano." *Nova Renascença* IV, 15 (Verão 1984): 256-268.

Falar de Zen e Paganismo em Alberto Caetano é demonstrar que a relação entre ambos é legítima e não um puro acaso. Depois de estudar o lugar que o Zen ocupa em relação ao Budismo e ao Paganismo, estudam-se os aspectos Zen da poesia de Caetano que, como convém a um Mestre-Zen, fala com simplicidade e clareza, dando-nos a entender que o Zen nasce onde morre o pensamento.

AC12. Beck, András. "Költök, szavak, dolgok." *Élet és Irodalom* (1 Maio 1998).

Recensão crítica da nova edição da antologia "Ez a régi szorongás" ("Esta velha angústia"). O Autor analisa a poesia de Alberto Caetano, cujo pensa-

mento compara ao do filósofo idealista irlandês George Berkeley (inf. de Ferenc Pál).

AC13. Belchior, Maria de Lourdes. "Nótula sobre o poema XIX de Alberto Caeiro e a problemática da heteronímia." *Colóquio-Letras* 88 (Novembro 1985): 61-65

Na economia dos heterónimos, Caeiro representará o poeta sem coração (como o fez notar José Martins Garcia). Mas no XIX Poema de "O Guardador de Rebanhos" lateja, pungente, a dor: como explicar a contida emoção deste texto, se Caeiro, por sistema, não se comove? A atribuição deste poema a Caeiro não pode deixar de causar estranheza. Havendo nele uma nostalgia da infância, talvez que nessa perspectiva se possa aproximar de Álvaro de Campos. A Autora conclui que pelo menos alguns poemas de Caeiro podem ser atribuídos a outros heterónimos de Pessoa: a engenhosa construção que a "esplendorosa esquizofrenia" pessoana architectou não é rigorosamente lógica.

AC14. Berardinelli, Cleonice. "Pessoa e seus 'fantasmas.'" *Actas I*. Porto, Brasília Editora: Fundação Eng^o. António de Almeida, 1979. 187-198. (Comun. ao I C.I.E.P., Porto, 3-5 de Abril de 1978).

O "pacto autobiográfico," tal como o define Philippe Lejeune, existe, patente e várias vezes afirmado, em Álvaro de Campos; uma única vez, patente, em Caeiro; e uma vez, implícito, em Ricardo Reis. Não existe, porém, na poesia ortónima. No caso de Fernando Pessoa trata-se de um "pacto fantasmático," através do qual se revela, não apenas o indivíduo mas o ser dividido em múltiplos "eus," complementares e até contraditórios.

AC15. ———. "Mestre, meu Mestre querido!" *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários*. In *Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995. 777-788.

A partir de quatro poemas de Álvaro de Campos encontrados no Espólio, que podem aceitar-se como endereçados a Alberto Caeiro e inspirados, talvez, na sua morte, estudam-se as relações de Mestre e Discípulo entre os dois heterónimos.

AC16. Bernardes, Diana. "Alberto Caeiro. Subsídios para um estudo estilístico da sintaxe em seus poemas." *Cadernos da PUC 1* Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Agosto 1969): 41-60.

Enfoque didáctico ao estudo das principais estruturas da poesia de Alberto Caeiro.

AC17. Berrini, Beatriz. "O Paganismo de Pessoa." *Eça e Pessoa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1985. 53-103.

O frescor natural que a poesia de Caeiro irradia leva irresistivelmente a Autora a pensar em A Cidade e as Serras, de Eça de Queiroz. Tal como Caeiro, Jacinto achega-se à Natureza para lhe aspirar a lição de naturalidade, de concretismo, de ausência de reflexão natural abstracta.

AC18. ———. "As viagens do viajante poeta Fernando Pessoa." *Actas IV, Vol. I*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1990. 49-71. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988).

Podendo fazer-se a partir de qualquer tema a caracterização e diferenciação entre ortónimo e heterónimos, definem-se as respectivas singularidades a partir do foco "Viagem." Caeiro apenas se desloca da cidade para o campo, já que a natureza lhe oferece os percursos do conhecimento que lhe interessam.

AC19. Bosquet, Alain. "Fernando Pessoa ou les délices du doute." *Verbe et vertige. Situations de la poésie*. Paris: Hachette, 1961. 174-185.

Alberto Caeiro é "un mystique du scepticisme"; os conceitos e as filosofias irritam-no soberanamente, precipitando-o nas trevas, "là où les partis pris pourraient le déchiqueter." É o único poeta que soube exprimir com tanta convicção "cette prodigieuse douceur de la mécréance, cette unique tendresse du doute." Sorrindo, para não parecer trágico, Caeiro "toujours lucide, toujours prêt à se désavouer et à remettre en causes ses propres élans, accède à une puissance mystique de la démystification; de surcroît, c'est par le raisonnement ennemi de la raison qu'il peut revenir vers une naïveté originelle."

AC20. Bréchon, Robert. "Maître' Caeiro et le paganisme (1914-1915)." *Étrange étranger. Une biographie de Fernando Pessoa*. Paris: Christian Bourgois, 1996. 215-227. (Repr. em trad. portuguesa de Maria Abreu e Pedro Tamen sob o título "O 'Mestre' Caeiro e o Paganismo 1914-1915," no seu *Estranho estrangeiro. Uma biografia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Quetzal Editores, Círculo de Leitores, 1997. 225-237).

Caeiro é o heterónimo mais radicalmente diferente do Pessoa-autor e do Pessoa-homem. Podemos sentir-nos repelidos por esta "poesia" que recusa todos os atributos habituais do género: é, todavia, na "prosa" dos versos de Caeiro que melhor apreendemos o que faz a essência do génio pessoano. "O Guardador de Rebanhos," defesa e ilustração de uma nova via para atingir o real através de uma visão depurada das coisas, é antes de mais um manual que lhes permite desfazerem-se de toda a espiritualidade. O maior paradoxo desta poesia é o de ser apenas a glosa de si própria: excluindo em princípio a metáfora, ela é metafórica de uma ponta à outra. Em parte alguma Caeiro se refere explicitamente ao paganismo da Antiguidade; mas mais tarde, à volta da sua obra, constitui-se o "Neo-paganismo português," defendido por Ricardo Reis e por António Mora. O VIII Poema de "O Guardador de Rebanhos" destoa na obra de Caeiro pelo seu tom provocador que, sendo tipicamente ibérico, nem por isso deixa de ser de uma fleuma algo britânica.

AC21. Carreño, Antonio. "Alberto Caeiro: 'O Guardador de Rebanhos,'" *La dialéctica de la identidad en la poesía contemporánea*. Madrid: Editorial Gredos, 1982. 104-108.

Estuda-se "la visión totalizadora y estática" que surge da alma do "Guardador de Rebanhos," em cujo processo artístico "lo esquemático de su pensamiento (...) el tono aforístico de sus enunciados (...) implican una actividad mental, depurada de la percepción sensitiva". Seria fácil associar a concepção materialista da estética de Caeiro com certos aspectos da lírica de Gabriel Celaya, uma e outra caracterizadas por "un lenguaje coloquial y sentencioso a la vez; ambos rebúyen la especulación filosófica; ambos se atienen a las cosas como son."

AC22. Castro, Ivo. "Para o texto de 'O Guardador de Rebanhos.'" *Critique textuelle portugaise*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1981. 319-328. (Comunicação apresentada ao colóquio com o mesmo título, realizado em 20-24 Outubro 1981. Repr. fundido com o ensaio "Para a edição de 'O Guardador de Rebanhos,'" *Afecto às Letras*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. 253-258, sob o título "Para uma edição de 'O Guardador de Rebanhos'" (v.) no seu *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. 47-61).

AC23. ———. “O *corpus* de ‘O Guardador de Rebanhos’ depositado na Biblioteca Nacional.” *Revista da Biblioteca Nacional* 2,1 (1982): 47-61. (Repr. no seu *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. 71-89).

A intenção do Autor não é pronunciar-se categoricamente sobre a veracidade do “dia triunfal,” mas apenas apresentar e descrever o corpus, produzido pela mão de Pessoa, do ciclo “O Guardador de Rebanhos.” A análise filológica a que procede, se o leva a ter “a razoável dúvida” de que os poemas pudessem ter sido escritos em 8 de Março de 1914 nas circunstâncias narradas a Casais Monteiro, fá-lo adquirir a “certeza absoluta” de que eles não podem ter nascido “limpos e safos”: os manuscritos revelam, antes, uma “longa gestação,” revelando tais mudanças de forma e de sentido que apetece perguntar se alguns deles terão desde o início sido de Caeiro ou, pelo contrário, não terão sido posteriormente adaptados para se conformarem com a sua voz.

AC24. ———. “Para a edição de ‘O Guardador de Rebanhos.’” *Afecto às Letras. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. 253-258. (Repr. fundido com o ensaio “Para o texto de ‘O Guardador de Rebanhos,’” *Critique textuelle portugaise*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1981. 319-328, sob o título “Para uma edição de ‘O Guardador de Rebanhos’” (v.), no seu *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. 63-70).

AC25. ———. “Apresentação.” *Fernando Pessoa. O manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro. Edição crítica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986. 7-22. (Excerto repr. sob o título “O manuscrito de ‘O Guardador de Rebanhos,’” no seu *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. 91-102).

Apresentação e justificação do tratamento filológico dado ao manuscrito de “O Guardador de Rebanho” que, depois de ter estado na posse de particulares, se encontra desde 1990 na Biblioteca Nacional de Lisboa. A análise filológica realizada permite reconstituir a génese do texto, através do estabelecimento da cronologia relativa dos estados sucessivos de redacção e emenda, provando ser provável que apenas dezanove poemas tenham sido escritos em uma única sessão: será esse o acontecimento mais assimilável ao “dia triunfal” descrito por Pessoa a

Casais Monteiro. A edição Ática em 1946, que inicia a "tradição" editorial de "O Guardador de Rebanhos" e se tornou a sua "vulgata," revela-se defeituosa em muitos aspectos, que o Autor, utilizando o critério da "última lição conhecida e não recusada pelo autor," corrige em mais de oitenta versos. Apresenta-se no final o novo "texto crítico."

AC26. ——. "Apresentação da edição crítica do 'O Guardador de Rebanhos.'" *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XXe Siècle. Théorie et pratique de l'édition critique*. N.p.: n.p., 1988. 221-226.

Depois de descrever o corpus de "O Guardador de Rebanho" que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa, explica-se o método seguido na respectiva edição crítica, em que se procurou sistematicamente determinar qual a "lição" mais recente que os textos revelam e que foi a publicada. Os critérios adoptados são o da análise estratigráfica dos manuscritos e o do estabelecimento da data relativa das diversas "lições" através da análise da sua topografia dentro da página. Pessoalmente, o Autor é levado a crer que Alberto Caieiro, longe de ser o autor do ciclo, é ele mesmo uma sua criação, tendo sido inventado para assumir, em vez de Pessoa, os caminhos novos que a revisão do texto a partir de certa altura abriu.

AC27. ——. "Para uma edição de 'O Guardador de Rebanhos.'" *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. 63-70. (Fusão dos ensaios "Para o texto de 'O Guardador de Rebanhos'" e "Para a edição de 'O Guardador de Rebanhos'" v.).

A edição Ática, que constitui a vulgata de parte substancial da obra publicada de Fernando Pessoa, fica a grande distância da versão que é lícito depreender dos manuscritos do Poeta. Abundando as provas de que ele submeteu o texto de "O Guardador de Rebanhos" a numerosas e aprofundadas revisões, haverá que apurar qual dessas revisões foi a última, para a adoptar numa edição crítica e para dispor todas as restantes no aparato. Descreve-se o método seguido na reconstituição do manuscrito integral de "O Guardador de Rebanhos" entrado no Espólio em 1990. Com base nos princípios da cronologia relativa e da topografia das revisões feitas por Pessoa, apresentam-se exemplos dos resultados obtidos no VIII poema do ciclo.

AC28. ——. "A casa a meio do outeiro." *Actas IV, Vol. I*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1990. 343-349. (Comun. ao IV

C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988. Repr. no seu *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. 111-116).

Aplicando o critério segundo o qual pode atribuir-se mais autoridade a um manuscrito desde que se prove que ele é posterior, ou sofreu emendas posteriores, do que a um impresso autoral, a edição crítica do poema XXX de "O Guardador de Rebanhos" deverá seguir a lição manuscrita de Fernando Pessoa e não a impressa na Athena.

AC29. ———. *Editar Pessoa*. Edição crítica de Fernando Pessoa. Coleção "Estudos" Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. (Inclui: "Para uma edição de 'O Guardador de Rebanhos,'" "O corpus de 'O Guardador de Rebanhos' depositado na Biblioteca Nacional," "O manuscrito de 'O Guardador de Rebanhos,'" "Apresentação da edição crítica do 'Guardador de Rebanhos'" e "A casa a meio do outeiro").

AC30. ———. "Ivo Castro: sem comentários." *Público* (8 Março 1994).

A propósito das declarações de Teresa Sobral Cunha sobre a edição crítica da Equipa Pessoa (v. "Sou pelo dia triunfal!"), Ivo Castro declara: "Há bastante tempo que deixei de fazer qualquer tipo de comentários públicos sobre declarações desta natureza de Teresa Sobral Cunha." Ivo Castro considera normal que "duas edições do mesmo texto tenham resultados diferentes se forem feitas com critérios diferentes."

AC31. ———. "O poema XXI de 'O Guardador de Rebanhos,' de Alberto Caeiro." *Cleonice, clara em sua geração*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995. 203-206.

Gênese do poema XXI de "O Guardador de Rebanhos," verificando-se que o seu último verso passou nas mãos de Fernando Pessoa por cinco versões sucessivas, das quais a edição Ática publicou a terceira.

AC32. Cattaneo, Carlo Vittorio. "Um poema blasfemo de Fernando Pessoa." *Colóquio-Letras* 50 (7/1979): 9-21. (Repr. in *Modernismo e Vanguarda. Cadernos da Colóquio-Letras*, 2, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. 73-87).

À primeira vista, o tão declaradamente blasfemo VIII Poema de "O Guardador de Rebanhos" pode parecer um jogo tão gratuito quanto de mau gosto. Se, no entanto, o compararmos com outras obras, teóricas ou não, do Pessoa ortonímo e dos heterónimos, especialmente António Mora, cujos textos se analisam, o aspecto blasfemo assume funcionalidade, parecendo sobretudo motivado pelos pressupostos teóricos do Neopaganismo.

AC33. Ceia, Carlos. "No centro de 'Seja o que for que esteja no centro do mundo' de Alberto Caeiro." *De punho cerrado*. Lisboa: Edições Cosmos, 1997. 199-208.

O poema de Alberto Caeiro pretende demonstrar que é falaciosa a percepção interna ou conhecimento que o sujeito possui dos seus estados e dos seus actos através da consciência: não podemos estabelecer uma analogia artificial entre o conhecimento da alma por si própria e o que retém dos objectos materiais situados no espaço.

AC34. ———. "‘Que metafísica têm aquelas árvores?’ Uma leitura do poema V de 'O Guardador de Rebanhos' de Alberto Caeiro." *De punho cerrado*. Lisboa: Edições Cosmos, 1997. 219-233.

Toda a poesia de Alberto Caeiro nega o estatuto de poeta-filósofo que Fernando Pessoa fez corresponder ao seu mestre nos textos teóricos que lhe consagrou: o pensamento metafísico de Caeiro justifica-se pela entificação do ser e pela participação do Poeta como Outro no ser entificado.

AC35. Centeno, Yvette K. "Fernando Pessoa: os Santos Populares e a Utopia da Criança Eterna." *Portugal. Mitos revisitados*. Lisboa: Edições Salamandra, 1993. 253-285. (Repr. sob o título "Tradição Popular e Hermetismo" in Fernando Pessoa, *Os Santos Populares*. Ilustrações de Almada Negreiros e Eduardo Viana. Lisboa: Casa Fernando Pessoa e Edições Salamandra, 1994. 3-15).

Estudo dos poemas "Santo António," "São João" e "São Pedro," escritos por Fernando Pessoa em 9 de Junho de 1935, que não são para ler e esquecer com ligeireza, antes representam, cada um na sua esfera e à sua maneira e num plano esotérico, o triplo rosto de um universo coeso: o do entendimento da humana matéria (figurado em Santo António), o da sublimação dessa mesma matéria (figurado em São João) e o da "chave" para todo o processo iniciático (figurado em São Pedro). Aproximando-

—se o primeiro poema do VIII poema de “O Guardador de Rebanhos,” conclui-se que a utopia da “Eterna Criança” como pulsão de vida e modelo a seguir, é uma das forças condutoras da obra de Pessoa.

AC36. Châu, Diêm. “[Introdução].” *Fernando Pessoa. Ngũ òi Chan Giu’ Dán Thú. Và như’ng bài thơ’ khác của Alberto Caeiro.* Trình Bây, 1992. *Apresentação da tradução vietnamita dos poemas de Alberto Caeiro.*

AC37. Coelho, António Pina. “O objectivismo absoluto de Caeiro.” *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa.* Lisboa: Verbo, 1971. Vol. II, 288-231 .

A tese fundamental de Alberto Caeiro, verdadeiramente revolucionária, porque profundamente vivida, é que “Tudo é o que não é, não o que eu penso.” Analisam-se os poemas de Caeiro nesta perspectiva, para concluir que o elogio que Pessoa tece ao seu heterónimo, considerando perfeitamente definida a teoria caeiriana do objectivismo absoluto, é francamente exagerado: Caeiro mostra-se em muitos passos incoerente. A sua aventura, de uma generosidade que fracassou em ambição, deixou ainda mais vivo o problema e o homem mais inquieto: será possível uma visão pura das coisas? é possível haver ciência sem consciência? e poderá o homem conhecer qualquer coisa?

AC38. Coelho, Jacinto do Prado. “Alberto Caeiro.” *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa.* Lisboa: Revista Ocidente, 1949. 11-17 (9ª. ed., Lisboa: Editorial Verbo, 1987. 23-32).

Há dois Caeiros, o poeta e o pensador, sendo o primeiro que em teoria se desdobra no segundo. O paradoxo da sua poesia começa no facto de ser autor de poemas. O seu estilo é pobre de vocabulário, incolor e discursivo, dele se induzindo que em Caeiro o pensador suplanta o poeta. Segundo a imagem que dá dele próprio, Caeiro assemelha-se extraordinariamente ao homem descrito por Valéry: vive de impressões, sobretudo visuais, e goza em cada impressão o seu conteúdo original. Estuda-se a poética de Caeiro em comparação e contraste com a de Pessoa ele-mesmo e as dos outros heterónimos.

AC39. ———. “Pessoa, Fernando António Nogueira.” *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira.* Porto: Livraria Figueirinhas, 1960. 605-609.

Caeiro, pretendo “mestre” de Reis e Campos, surge como um homem de visão

ingénua, instintiva, gostosamente entregue à infinita variedade das sensações. Todavia, os seus poemas são abstractos, incolores, porque para ele o real é a própria exterioridade, não devendo serem-lhe acrescentadas as impressões subjectivas; a posição de Caieiro, mais do que anti-metafísica, é contrária à interpretação do real pela inteligência, pois essa interpretação reduz as coisas a simples conceitos vazios.

AC40. ———. "O cansaço da razão: de Rousseau a Alberto Caieiro." *Ao contrário de Penélope*. Lisboa: Bertrand, 1976. 249-254.

Rousseau e Pessoa são personalidades e mundos mentais afastados, aparentemente sem qualquer ponto comum; no entanto, como expoente da Modernidade, o autor múltiplo (Pessoa) algo deverá ao iniciador (Rousseau). Do cansaço da razão à dispersão, à fragmentação psíquica, vai um caminho seguido, que se analisa sobretudo à vista da obra de Alberto Caieiro. Este, personagem de ficção oposta a Rousseau, homem de carne e osso, vale como expressão literária das tensões e ansiedades que agitam o homem moderno.

AC41. Colombini, Duílio. "A consciência crítica e(m) Caieiro." *Boletim Informativo* 2^a. s., 14. Centro de Estudos Portugueses, Universidade de São Paulo (1984): 35-58.

Utilizando um enfoque filosófico, analisa-se a poesia de Caieiro, sublinhando que ele tem consciência crítica do seu processo poético, do qual emergem todas as dificuldades, incluindo a necessidade de justificar exhaustivamente os pontos de vista, sobrecarregando o discurso de expressões e torneios explicativos.

AC42. Costa, Dalila Pereira da. "A Visão da Natureza em Fernando Pessoa." *Persona 1* (Novembro 1977): 39-49.

Através da poesia de Alberto Caieiro, Fernando Pessoa demonstra ter sido consciente de uma nova e decisiva visão da natureza aberta ao pensamento português e ocidental moderno.

AC43. Crespo, Ángel. "Prólogo." *Fernando Pessoa. Poemas de Alberto Caieiro*. Madrid: Ediciones Rialp, 1957. 9-18.

Os heterónimos pessoanos não são um mero jogo mas algo de fundamental para compreender a obra de Fernando Pessoa. Neste contexto, justifica-se a tradução de trinta e quatro poemas de Caieiro (e apenas dele), não só com o intuito de dar a conhecer aos leitores espanhóis, com certa amplitude, uma das fa-

cetas de Pessoa, mas também devido à clara preferência que o criador dos heterónimos sempre demonstrou pelo autor de "O Guardador de Rebanhos."

AC44. ———. "Alberto Caeiro, clau de l'heteronímia pessoana." Fernando Pessoa. Poèmes d'Alberto Caeiro. Barcelona: Edicions del Mall, 1986. 9-22.

Não há dúvida que a poesia de Caeiro é a mais original da produção lírica de Fernando Pessoa e, para além disso, uma das mais originais do nosso tempo. Por estar consciente disso, Fernando Pessoa converteu Caeiro, anos depois de ter escrito os poemas que acabou por datar de 8 de Março de 1914, no centro do "drama em gente," ou seja, no anunciado Supra-Camões.

AC45. ———. "Alberto Caeiro i la nova revelació." *Aspects actuels de l'obra de Fernando Pessoa*. Barcelona: Fundació Caixa de Pensions, 1988. 11-28. (Trad. de Joaquim Sala-Sanahuja. Repr. em castelhano sob o título "Alberto Caeiro o la nueva revelación," no seu *Con Fernando Pessoa*. Madrid: Huerva & Fierro, Col. La Rama Dorada, 1995. 111-134).

Investiga-se qual o sentido unitário (se é que existe) dos originais publicados em vida por Fernando Pessoa, que relação têm esses textos com os inéditos que deixou e que papel desempenham neste conjunto de prosa e verso a figura e a obra de Alberto Caeiro, o criador mais original da lírica pessoana.

AC46. ———. "El drama em gente. Plural como el universo. La génesis de los heterónimos. El maestro Caeiro." *La vida plural de Fernando Pessoa*. Barcelona: Seix Barral. 1988. 129-137. (Repr. em trad. portuguesa de José Viale Moutinho no seu *A vida plural de Fernando Pessoa*. Lisboa: Bertrand Editora. 1990; em trad. italiana de Brunello de Cusatis no seu *La vita plurale di Fernando Pessoa*. Roma: Antonio Pellicano Editore. 1997; e em trad. alemã de Frank Henseleit-Lucke no seu *Fernando Pessoa. Das Vervielfältigte Leben. Eine Biographie*. Zúrique: Ammann Verlag. 1996).

A extrema lucidez de Fernando Pessoa permitiu-lhe "comprender sin tardanza, una vez que se le hubo revelado, que Caeiro había echado, con su obra poética, los cimientos de un nuevo paganismo cuyo espíritu era anterior, por su simplicidad e ingenuidad, al clasicismo grecorromano." A atitude de Caeiro é analisada à luz dos textos que sobre ele escreveram Álvaro de Campos, Ricardo Reis e António Mora.

AC47. Cuervo-Hewitt, Julia. "Metafísica da negação: A negação da metafísica

na poesia de Alberto Caieiro." *Actas IV, Vol. I*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1990. 463-477. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988).

De uma perspectiva crítica pós-modernista, é possível ler hoje a obra de Alberto Caieiro não só como a de um mestre, mas também como a de um profeta estético. Dessa perspectiva, Caieiro é um espaço vazio, um centro sem centro na poética pessoana: sombra e referente (ausente) para os outros heterónimos.

AC48. Cunha, Teresa Sobral. "Planos e projectos editoriais de Fernando Pessoa: Uma velha questão." *Revista da Biblioteca Nacional* 2, 3, 1 (1987): 93-107.

A Autora anuncia que está a inventariar e a reunir todo o material existente no Espólio acerca dos projectos editoriais de Fernando Pessoa. Apresentam-se, como exemplo de aplicação possível dos dados recolhidos, três poemas inéditos de Caieiro.

AC49. ———. "Nota à Edição." Fernando Pessoa. *Poemas Completos de Alberto Caieiro*. Lisboa: Editorial Presença 1994. 5-14.

Justificação da edição "com um rosto que se crê fiel, e um corpo, que se crê completo" da obra de Alberto Caieiro. Aos poemas junta-se "uma variada selecção de textos" de Ricardo Reis e de Álvaro de Campos sobre o autor de "O Guardador de Rebanhos" e sua obra.

AC50. ———. "Sou pelo dia triunfal!" *Público* (8 Março 1994): 24-25.

Entrevista sobre a sua edição dos Poemas Completos de Alberto Caieiro. O "dia triunfal" é, evidentemente, um truque poético: é possível que a data de 8 de Março de 1914 tenha uma fundamentação astrológica. Critica-se a edição crítica da Equipa Pessoa, "que existe ainda com a composição actual por razões completamente inexplicáveis": "arrancou mal" e, "depois da experiência traumatizante com Campos seria de esperar que houvesse uma revisão da situação quer da parte da Equipa Pessoa quer da parte da SEC."

AC51. Décio, João. "Algumas Notas em Torno de 'Seja o que Fôr que Estéja no Centro do Mundo,' de Alberto Caieiro." *Didáctica*. Revista do Departamento de Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília 5-6 (1968-1969): 203-207. (Repr. in *Fernando Pessoa. Estudos críticos*. João Pessoa: Associação de Estudos Portugueses Hernâni Cidade, Universidade Federal da Paraíba, 1985. 77-81).

Este poema é uma das poucas composições em que Alberto Caeiro foge dos problemas da Natureza, para se deter no complexo e insolúvel problema do Ser: a discussão da importância da existência e da essência humana.

AC52. Del Barco, Pablo. "Introducción." *Fernando Pessoa. Poemas de Alberto Caeiro*. Madrid: Visor, 1980. 7-21.

Alberto Caeiro, o guardador de rebanhos que não é pastor, é "el poeta desdoblado de Pessoa más noble." É insistente, como insistente é a Natureza, "en el cada día de su repetición": "las cosas en su sitio y el poeta (el hombre) en medio de ellas sin pensar en ellas, sin interpretarlas." A poesia de Caeiro significa que "nada va a edificar el poeta, nada va a dejar el hombre sobre la tierra, nada la diferencia que pasó por el camino, que apenas advirtió su huella."

AC53. Del Bene, Orietta. "Algumas notas sobre Alberto Caeiro." *Ocidente* LXXIV, 359 (Março 1968): 129-235.

Alberto Caeiro representa, por um lado, o mito da infância permanecendo inalterado no homem adulto e, por outro, o mito do paganismo: duas saudades de Fernando Pessoa. A originalidade audaciosa de Fernando Pessoa está não em falar da infância, mas sim em ser ou querer ser infantil através de Caeiro, tentativa necessariamente condenada à falência pois só pode ser criança quem realmente o é.

AC54. Duarte, Isabel Margarida. "Maria Helena Nery Garcez: 'Alberto Caeiro 'Descobridor da Natureza?'"'. *Persona* 11/12 (Dezembro 1985): 93-94.

Recensão crítica.

AC55. Duarte, José Afrânio Moreira. "A poesia de Alberto Caeiro." *Fernando Pessoa e os caminhos da solidão*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968. 31-32.

É principalmente com os poemas de Caeiro que Pessoa consegue um melhor equilíbrio entre o antigo e o contemporâneo: Caeiro situa-se como que num meio-termo entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

AC56. Elia, Sílvio. "Mestre Alberto Caeiro ou a Filosofia Impossível." *Estudos Universitários de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. 399-421.

A posição filosófica de Caeiro é uma contradictio in terminis pois não se po-

de afirmar a respeito de uma coisa ao mesmo tempo dois predicados incompatíveis. É um "sensationista radical," o que também não condiz com a natureza humana; desfaz continuamente o seu pretensão objectivismo e, querendo ser filósofo, é profundamente lírico. Não devemos, todavia, confundir o pensador Caieiro com o pensador Pessoa: este respira subjectivismo e é um visionário.

AC57. Entrambasaguas, Joaquin de. "Poesias' de Alberto Caieiro." *Fernando Pessoa y su creación poética*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1955. 100-123.

No contexto geral de um exame crítico da criação poética de Fernando Pessoa, estuda-se a projecção nela do "drama em gente." No que respeita a Caieiro, a unidade temática de "O Guardador de Rebanhos" é o divagar mental do autor: cada um dos quarenta e nove poemas é produto de uma ideia, de um motivo poético, sem obedecer a um sistema lógico mas agrupados como ovelhas pelo seu guardador. Analisam-se todos os poemas, destacando que o VIII é uma composição irreverente e disparatada, feita de blasfémias inúteis. Em alguns dos "Poemas Inconjuntos," que também são objecto de análise individual, mas selectiva, detectam-se pensamentos soltos que poderiam ter sido o germe de poemas mais extensos.

AC58. Faucherau, Serge. "Fernando Pessoa, ses ismes et ses masques." *Expresionisme Dada Surréalisme et autres ismes*. Paris: Les Lettres Nouvelles, 1976. 161-196.

Alberto Caieiro, que ocupa uma posição privilegiada na constelação pessoana, nega o valor da reflexão: é um sensualista violentamente anti-intelectual e um passadista "qui rêve d'un âge d'or et d'innocence sans technologie ni spéculations abstraites." O seu cepticismo pode por vezes tomar "une tournure désagréable lorsqu'il s'applique à la société." Para o Autor, Caieiro é uma figura "médiocrement sympathique" e é de espantar que Pessoa e os outros heterónimos nele tenham visto um mestre. "Il est dénué de la moindre chaleur humaine et sa position est insoutenable": talvez por isso Pessoa o fez morrer tão novo.

AC59. Feijó, António M. "A constituição dos Heterónimos. 1. Caieiro e a correcção de Wordsworth." *Colóquio-Letras* 140-141 (Abril-Agosto 1996): 48-60.

O poema "Ela canta, pobre ceifeira" é um correcção implícita do poema de Wordsworth "The Solitary Reaper," desocultando e assumindo para si, exasperando-a, a natureza da indecisão de Wordsworth. O mesmo movimento de correcção

surge, também implicitamente, num texto em inglês em que Fernando Pessoa caracteriza a absoluta novidade de Alberto Caeiro, que consiste numa objectividade radical “quase inconcebível.” Uma análise de alguns poemas de Caeiro permite concluir que este, “poeta doublé de filósofo” é o “contra Wordsworth e o contra-Kant.”

AC60. Ferreira, Luzilá Gonçalves. *A anti-poesia de Alberto Caeiro. Uma leitura de “O Guardador de Rebanhos.”* Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 1989.

Depois de estudar a concepção do Poeta para Alberto Caeiro, procurando mostrar como se teoriza a relação do Poeta com a Natureza, consigo mesmo e com a Poesia (discutindo a tripla problemática do Cosmos, do Anthropos e do Logos), faz-se uma leitura da prática poética de Caeiro. Em conclusão, defende-se que este se reconciliou consigo próprio; estabelecendo a ruptura definitiva entre o homem que escreveu e a sua produção artística, sente que realizou uma poética coerente.

AC61. Figueiredo, Pedro Araújo. “Sobre Caeiro e alguma filosofia.” *Actas I.* Porto, Brasília Editora: Fundação Engº. António de Almeida, 1979. 615-630. (Comun. ao I C.I.E.P., Porto, 3-5 de Abril de 1978).

Sendo improvável a descoberta (ou redescoberta) de qualquer sistema filosófico original de feitura pessoana, não se exclui daí a profunda originalidade do entendimento que Fernando Pessoa fazia da Filosofia, da forma como entendia as relações desta com a Poética e mesmo dos trabalhos de exercitação filosófica que realizou. Relativamente a Alberto Caeiro, não deve buscar-se um paralelo em Husserl, mas sim em Wittgenstein.

AC62. Flórido, José. *Conversas inacabadas com Alberto Caeiro.* Porto: Porto Editora 1987. (2ª. ed., Lisboa: Editora Pergaminho, 1998).

Em diálogos imaginários tidos em Sintra com um Alberto Caeiro “ressuscitado,” prova-se a profundidade do seu pensamento e o desejo auto-libertador manifestados na sua anterior reencarnação.

AC63. Galhoz, Maria Aliete. “Alberto Caeiro, poète/poèmes.” *Fernando Pessoa. Poèmes païens.* Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1989. 17-26.

Alberto Caeiro, embora personagem fictícia, “n'en est pas moins, sans aucun doute, un poète autonome, dans la mesure où il incarne une identité créatrice; il existe véritablement par ses poèmes, il est un poète/poèmes.” A sua obra poética é singular e pessoal, tanto pelo conteúdo como pela forma. A sua linguagem natural,

fluida e límpida, "c'est le miracle du génie qui a créé ces poèmes d'une organisation parfaitement cohérente. Leur nouveauté esthétique est encore plus surprenante si l'on s'avise que l'élément de base de leur écriture est l'utilisation systématique du cliché." Caeiro "apporte à l'angoisse et à la nausée de Pessoa, son créateur, le remède d'une certitude rassurante, en montrant le caractère naturel de toutes choses, du moindre geste, du simple fait d'exister."

AC64. ———. "A fortuna editorial de Fernando Pessoa." *Actas IV, Vol. II*. Porto: Fundação Eng.º. António de Almeida, 1990. 79-88. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988. 1ª. publ. in *Nova Renascença* (Primavera-Verão 1988): 126-131).

Balanço da bibliografia activa de Fernando Pessoa desde a publicação, em 1942, da recolha antológica organizada por Adolfo Casais Monteiro até à edição facsimilada de "O Guardador de Rebanhos," por Ivo Castro. Em apêndice, uma bibliografia sumária.

AC65. Galvão, Jesus Bello. "Um 'Guardador de Rebanhos,' de Alberto Caeiro." *Ensaios pessoanos*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 1985. 13-43.

Leitura de "O Guardador de Rebanhos" do ponto de vista linguístico e de técnica poética.

AC66. Garcez, Maria Helena Nery. "Alberto Caeiro: aspectos de intertextualidade." *Boletim Informativo* 3ª. série, XI, 2 Centro de Estudos Portugueses de São Paulo (1985): 27-45. (Repr. no seu *Trilhas em Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro*. São Paulo: Editora Moraes e Editora da Universidade de São Paulo, 1989. 59-87).

Análise da obra de Alberto Caeiro do ponto de vista das suas relações com alguns textos, de poesia ou não, que o precederam (a Tradição, como, por exemplo, o Eça de Queiroz de "O Suave Milagre," António Nobre, a Bíblia), das suas relações com os outros heterónimos e textos pessoanos, o que permitirá surpreendê-lo na sua singularidade e rotulá-lo como poeta da Modernidade.

AC67. ———. *Alberto Caeiro, "descobridor da Natureza"?* Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, 1985.

A Autora estuda os poemas de Caeiro dentro da tradição da poesia da Natu-

reza, como o contestador da linguagem mística cristã e da subjacente visão do mundo que nela se consubstancia. Começando por analisar a relação da obra de Caeiro com "De Rerum Natura" de Lucrecio, o estudo incide essencial e exaustivamente sobre o diálogo polémico que se estabelece entre os poemas de Caeiro e "O Cântico do Sol," de S. Francisco de Assis, que se analisa estrofe a estrofe. Inventariando na poesia de Caeiro não apenas estruturas religiosas análogas às da linguagem de S. Francisco de Assis, mas também alusões claras ao seu vocabulário mas utilizadas num sentido oposto, conclui-se que Caeiro faz uma espécie de subtil paródia da linguagem franciscana. Tal propósito é confirmado pela análise de textos em prosa, publicados e inéditos, de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e, sobretudo, António Mora. Em conclusão, a Autora defende que se, por um lado, ao operar um regresso às coisas, Caeiro de facto "descobre a Natureza," por outro lado há um profundo nihilismo nalgumas das suas proposições, como a condenação do cristianismo, do pensamento discursivo, da vida em sociedade e da acção humana sobre a Natureza. O projecto de Caeiro contraria-se frequentemente a si mesmo, indo contra algumas das exigências mais legítimas da própria Natureza: é um poeta filósofo e não um filósofo poeta: nos seus versos não há subordinação da arte à filosofia, mas uma assunção da filosofia na arte.

AC68. ———. "De Fernando Pessoa e António Nobre." *Trilhas em Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro*. São Paulo: Editora Moraes e Editora da Universidade de São Paulo, 1985. 43-57.

O diálogo de Fernando Pessoa com os seus antecessores foi extraordinariamente rico: estudam-se o posicionamento de Alberto Caeiro em face de António Nobre. Um e outro seguem a tradição dos poetas da Natureza, mas enquanto Nobre, pelo pensamento analógico, descobre continuamente vínculos entre os componentes da Realidade, Caeiro pretende ser um desatador de vínculos, isolar cada coisa na sua ipseidade.

AC69. ———. "Motivos das navegações na poesia portuguesa do século XX." *Actas do 4.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Lisboa: Lidel, 1995. 491-497. (Comun. ao 4.º Congresso da A.I.L., Universidade de Hamburgo, 6-11 Setembro 1993).

Análise comparativa do tratamento que a problemática do conhecer recebe em Camões e, no nosso século, em Fernando Pessoa—Alberto Caeiro e António Gedeão.

AC70. Garcia, José Martins. "Caeiro, *Tradittore?*" *Colóquio/Letras* 88 (Novembro 1985): 48-56. (Repr. no seu *Exercício da crítica*, Lisboa: Edições Salamandra, 1995. 48-59).

Apontam-se exemplos de intertextualidade, a diferentes níveis, entre alguns poetas bucólicos de língua inglesa (Sir Philip Sidney, Alice Meynell, Ben Jonson) e a produção de Alberto Caeiro, analisando-se as leituras orientalizantes da sua obra. O Autor conclui que Caeiro satirizou tudo e todos, parodiando, distorcendo, "traindo," desde os budismos ao Zen, desde Lucrécio até S. Francisco de Assis. O seu Universo é todo mental, interior, ou seja, o contrário da significação corrente de Universo. Caeiro é original à força de inverter o sentido de uma complicada rede de assimilações culturais e satírico, no sentido profundo do termo.

AC71. ———. "Em torno do 'coração.'" *Fernando Pessoa: coração despedaçado*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1985. 68-75.

O estudo tem como objectivo a análise e consequente leitura das flutuações do conceito de "coração" na linguagem poética de Fernando Pessoa. Surpreende a escassez de ocorrências do conceito nos poemas de Alberto Caeiro, em que apenas surge no XXVII Poema de "O Guardador de Rebanhos" e no poema "A guerra que aflige com seus esquadrões o mundo."

AC72. García Martín, José Luis. "El unico poeta de la Naturaleza." *Fernando Pessoa*. Madrid: Ediciones Júcar, 1982. 114-125.

A personagem Caeiro que se desprende dos versos que lhe são atribuídos não coincide nem com a biografia que Pessoa lhe atribui, nem com o que ele mesmo declara ser. Não é o "bom selvagem," o homem sem cultura em permanente contacto com a Natureza: é o "filósofo disfarzado. Es el ideólogo que trata de poner en práctica una de sus quimeras. Inutilmente." Mas dessa inutilidade brota a grandeza da sua poesia: "En la mentira del personaje se engendra la verdad del poema."

AC73. Gil, José. "Caeiro, le métaphysicien dans métaphysique, et son disciple, Reis." *Fernando Pessoa ou la métaphysique des sensations*. Paris: Editions de la Différence, 1988. 118-130. (Repr. em trad. portuguesa de Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria, no seu *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio d'Água, s.d. 118-130).

Rompendo com a tradição que tende a abordar a obra de Fernando Pessoa em termos de comentário literário, o Autor estuda o pensamento pessoano em que se

articula uma estética das sensações com uma arte poética e se mostra de enorme coerência sob a aparência fragmentária dos textos. Neste contexto, dois discursos tecem o fio da poesia de Alberto Caeiro: um discurso positivo (que anuncia, ou finge anunciar, tautologias) e um meta-discurso negativo (que afirma que não há metafísica nas sensações) sobre o qual o primeiro discurso exclusivamente se apoia. A emoção metafísica de Caeiro vem da intelectualização do sentir, transformado em modo de pensamento, tão natural como um órgão. Alcançado esse objectivo, Caeiro realiza ao mesmo tempo a mais pura poesia metafísica e uma linguagem aparentemente no limite das possibilidades poéticas: existe nele uma contenção no abandono que constitui o resultado longínquo desse trabalho de abstracção da emoção.

AC74. —. “Alberto Caeiro ou l’âme devenue corps.” *Poèmes de Alberto Caeiro publiés du vivant de Fernando Pessoa*. Paris: Éditions de la Différence, 1989. 7-16.

Alberto Caeiro ocupa na constelação heteronímica de Pessoa um lugar singular: “il est à la fois l’un des hétéronymes, leur maître à tous, et celui qui s’en éloigne le plus. Par son style, par sa ‘manière de sentir,’ par sa conception de la nature et du monde, il apparaît à lui seul comme une constellation autonome, se suffisant pleinement à elle-même, et qui contient pourtant en puissance tous les autres poètes auxquels il donnera naissance.” Para o Autor, “Caeiro est le sujet de toute l’hétéronymie, il est l’hétéronymie réalisée. Il suppose tout le processus hétéronymique achevé, il est ce qui reste, une fois ‘construits’ tous les hétéronymes, ce qui demeure lorsque le sujet de l’écriture traverse tous les devenirs—autre hétéronymiques et se dissout en tant que ‘moi’: voilà pourquoi il n’a pas de subjectivité, voilà pourquoi il se proclame l’Argonaute des sensations vraies.”

AC75. —. “O corpo, a arte e a linguagem: o exemplo de Alberto Caeiro.” *Revista de Comunicação e Linguagens* 10-11 (Fevereiro 1990): 59-70.

Debatendo a questão entre sensação e linguagem, sublinha-se que a correspondência entre sensações era de tal modo importante para Fernando Pessoa que chegou a pensar considerá-la como princípio de um movimento literário: o Interseccionismo. O ideal de adequação total entre sensação e linguagem como ideal artístico máximo foi realizado por Alberto Caeiro, o que faz do seu caso uma ilustração exemplar da articulação do corpo e da linguagem através da arte. Examina-se o “corpo de Caeiro,” para mostrar como, neste poeta, a alma se tornou corporal.

AC76. Gomes, Álvaro Cardoso. "O retorno à inocência." *Fernando Pessoa. Estudos críticos*. João Pessoa : Associação de Estudos Portugueses Hernâni Cidade, Universidade Federal da Paraíba, 1985. 17-22.

Percorrendo ao inverso o caminho para a civilização, Alberto Caeiro empreende a viagem da conquista da Natureza; o meio de que se serve é a poesia, restituí-la à sua missão essencial: a de fundir o homem ao mundo.

AC77. Gonçalves, Robson Pereira. "Alberto Caeiro ou a matriz Poético-ontológica em Fernando Pessoa." *Revista do Centro de Artes e Letras* 2, 1 Universidade Federal de Santa Maria (Janeiro-Junho 1980): 55-65.

Estuda-se a relação da poesia panteísta e sensacionista de Fernando Pessoa, produzida através de Alberto Caeiro, e a metafísica heideggeriana. Com base na filosofia do Ser, procura-se evidenciar as passagens mais representativas do texto poético que concorrem para um "descobrir" dos caminhos do Ser e que se alojam na explicitação metafísica que Heidegger faz da questão. Conclui-se que a dita poesia da objectividade vela a intensidade primal do poeta, pois, na verdade, se trata de uma poesia de desvelamento do ser.

AC78. Grellet, Ivone Freitas. "A Poesia de Fernando Pessoa: Budismo e Zen Budismo em Alberto Caeiro." *Novos Ensaios de Literatura Portuguesa*. Araraquara: Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação UNESP, Centro de Estudos Portugueses Jorge de Sena, 1986. 88-127.

Entre a postura de Alberto Caeiro e os princípios filosóficos do Budismo e do Zen Budismo, observam-se pontos comuns, que se fundamentam na filosofia da não-filosofia. A poesia de Caeiro assemelha-se à poesia de Basho naquilo a que poderá chamar-se a essência poética: mas Caeiro não é um poeta Zen, antes um poeta com Zen: o seu processo dialéctico-estilístico é análogo aos sutras orientais.

AC79. Griffin, Jonathan. "Four Poets in One Man." *Fernando Pessoa. Selected Poems*. Harmondsworth: Penguin Books, 1974. 9-23. (2ª. ed., 1982; repr. 1988).

O Autor aproxima Caeiro de Francis Ponge, que professam ambos "much the same philosophy-religion: 'absolute objectivism,'" embora divirjam na maneira de a exprimir. O estilo de Caeiro "is an unostentatious anti-poetry (...) His 'poems' are the talk of a master to disciples as he walks along a hillside and rounds up his sheep." Os ensinamentos de Caeiro estão próximos do caminho Zen; a sua fraqueza, como Octavio Paz notou, reside, não nas ideias (que, pelo contrário são a sua

força), mas na irrealidade da experiência que pretende ter tido. Caeiro é aquilo que Fernando Pessoa queria ter sido e que não conseguiu ser: Ricardo Reis "is the nearest that Pessoa could come to being Caeiro."

AC80. Guerra, Maria Luísa. "Sobre o conceito de opacidade na poesia de Alberto Caeiro." *Ocidente* LXIII, 295 (Novembro 1963): 209-224.

Nos poemas de Alberto Caeiro, as "coisas" pululam por toda a parte multiplicadas mas exprimem descontinuamente a mesma opacidade radical e estruturante. Para Caeiro, tal como para Sartre, o mundo não é um palco mas uma presença pastosa. Antecipando-se a alguns filósofos contemporâneos na leitura da opacidade constitutiva da realidade bruta, Caeiro desvaloriza o homem como capacidade mitificante e tenta, numa aventura dolorosa e inútil, coincidir com a perfeição natural das coisas.

AC81. ———. "Alberto Caeiro—Álvaro de Campos ou a verdade de uma lição inútil." *Cronos. Cadernos de Literatura* 1 (s.d.): 21-23.

Álvaro de Campos, afinal, não aprendeu a lição de Alberto Caeiro: o delírio sensacionista da sua poesia é, sob mais de um título, a negação expressa do exemplo tutelar do "Mestre." Se em Caeiro há descoberta, em Campos há conquista: ambos se deixaram fascinar pelo real, mas enquanto que a Caeiro "nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou," a Campos todo o sangue ferveu num torvelinho desencontrado de emoções inventadas.

AC82. Guibert, Armand. "Alberto Caeiro." *Fernando Pessoa*. Paris: Pierre Seghers, 1960. 34-51. (2^a. ed., 1973).

Alberto Caeiro, "mi-grec mi bédouin, c'est-à-dire un naturaliste contemplatif," é um falso camponês "qui ne sait pas désigner par leur nom les arbres, les plantes et les fleurs." As suas reiterações seriam monótonas se não fossem, em cada momento, resgatadas pela "fraîcheur de la raison (faculté et opération qui, chez lui, passent en importance la chose vue)." "Malgré ses tautologies, ses redites, sa démarche de primitif intraitable (ou à cause d'elles, peut-être?), notre poète de l'évidence avance d'un pas que pourraient lui envier bien des croyants torturés, jusqu'à la très désirable lumière de la certitude et de l'affirmation."

AC83. ———. "Note d'introduction à l'oeuvre d'Alberto Caeiro." *Fernando Pessoa. Le Gardeur de troupeaux et les autres poèmes d'Alberto Caeiro*. Paris: Gallimard, 1960. 9-12.

O Autor vê em Alberto Caieiro "une sorte de sage bédouin, plus proche de l'hédonisme de l'Islam que de l'acceptation chrétienne des imperfections de ce monde, un semi auto-didacte expansif, assez prolixe, et ruisselant de lucidité. Qu'on le rattache un jour à la tradition d'un certain lyrisme hellénique, il n'y aura là rien de surprenant: son accent n'a jamais le flou et l'ouaté propres à la poésie atlantique."

AC84. ———. "Fernando Pessoa. Celui qui était personne et multitude." *Fernando Pessoa. Le Gardeur de troupeaux et les autres poèmes d'Alberto Caieiro avec Poésies d'Álvaro de Campos*. Paris: Gallimard, 1987. 7-25. (2ª ed. sob o título Fernando Pessoa. Le Gardeur de troupeaux et les autres poèmes d'Alberto Caieiro. Avec poésies d'Alvaro de Campos, 1996).

"On a beaucoup glosé sur le système philosophique de Caieiro, 'maître' incontesté des autres hétéronymes et de Pessoa lui-même." O Autor é, todavia, de opinião, de que a etiqueta de paganismo convém mais a Ricardo Reis: "Caieiro, lui, se contente d'un plissement de la paupière pour disséminer cette contre-foi." E como pode considerar-se um "maître à penser" um jovem de vinte e sete anos (como Caieiro, que nasceu em 1889 e morreu em 1915)? Assim, "il est malaisé de croire que Caieiro, né da la cuisse de Jupiter-Pessoa, puisse avoir [sobre Álvaro de Campos] une autorité de créateur et de maître."

AC85. Guimarães, Fernando. "Paganismo para quê?" *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias* (20 Julho 1994).

Recensão crítica de Fernando Pessoa. Poemas Completos de Alberto Caieiro (recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha). O objectivismo da poesia de Caieiro representa um momento extremo em que se recusa o envolvimento emocional, subjectivo ou perversamente místico que a pode envolver, projectando nela a sombra e, também, a presença do próprio autor.

AC86. Güntert, Georges. "Der Hüter des Seins: Alberto Caieiro." *Des Fremde Ich*. Berlin: Walter de Gruyter, 1971. 121-141. (Repr. em trad. portuguesa de Maria Fernanda Cidrais no seu *Fernando Pessoa. O Eu estranho*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982. 133-152).

Rastream-se vestígios de Alberto Caieiro na vida e na obra passadas de Fernando Pessoa, mesmo em épocas anteriores àquela que a crítica até hoje tem assinalado, bem como os seus precedentes em correntes literárias europeias e portugue-

sas. Caeiro é mais do que apenas o pólo oposto a Pessoa—ele mesmo, pois introduz um tom inédito, uma poética inteiramente nova na literatura portuguesa. O mundo das coisas celebrado por Caeiro e o “Eu” nele redimido formam uma nova ordem: com Caeiro, Pessoa recusa de novo o presente, mas deixa abrir um caminho para o futuro.

AC87. Hart, Thomas R. “M. Teste em Lisboa: Pessoa e Valéry.” *Arquivos do Centro Cultural Português*. XXIII. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. 817-827.

Afinidades entre Fernando Pessoa e Paul Valéry: o elo mais importante entre os dois escritores é a fascinação com que ambos observaram o funcionamento da sua própria inteligência. Tal é mais evidente nos poemas ortónimos de Fernando Pessoa e nos de Álvaro de Campos, embora se manifeste também nos de Alberto Caeiro, sempre oposto a qualquer tipo de intelectualização.

AC88. Hatherly, Ana. “O cubo das sensações e outras práticas sensacionistas em Alberto Caeiro.” *Actas I*. Porto, Brasília Editora: Fundação Engº. António de Almeida, 1979. 59-81. (Comun. ao I C.I.E.P., Porto, 3-5 de Abril de 1978.

Análise textual do poema XX de “O Guardador de Rebanhos” à luz dos princípios da teoria sensacionista, considerada esta como um conjunto de instruções, ou seja, como um programa. Na sua comunicação ao Congresso, este ensaio era acompanhado da apresentação de três cubos em vidro acrílico, ilustrando a teoria sensacionista nos seus aspectos básicos.

AC89. ———. “Pessoa/Caeiro vs. Walt Whitman. A destruição do Mestre.” *Persona 6* (Outubro 1981): 7-19.

Se é admissível que Fernando Pessoa queira ter “resistido” à admiração que a obra de Walt Whitman lhe inspirou, é igualmente possível que tal represente apenas uma espécie de fatalidade inerente à criação.

AC90. Henriques, Mendo Castro. *As coerências de Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, 1989.

Não pretendendo fazer de Fernando Pessoa um filósofo à força, toma-se por ponto de partida a sua reconhecida capacidade poética de encontrar formas verbais para a experiência humana, de pôr em questão o real e de propor respostas alternativas a essas interrogações. Com Alberto Caeiro, Fernando Pessoa obtém

uma poesia fiel às exigências fenomenológica e metafísica, colocando no cerne da apreensão do real a consciência informada por um paradigma de interrogação.

AC91. Honig, Edwin e Susan M. Brown. "Introduction." *The Keeper of Sheep by Fernando Pessoa*. Riverdale-on-Hudson, New York: The Sheep Meadow Press, 1986.

"O Guardador de Rebanhos" foi "the turning point of Pessoa's career and the psychogenetic model of poetic liberation." Tal como "Song of Myself," tornou-se "a new poetic manifesto, proclaiming the unknowable and manifold nature of reality as something perceptible only to the unthinking and intensely receptive bodily senses, particularly the eye."

AC92. Hourcade, Pierre. "Alberto Caeiro: Gloses sur le 'Guardador de Rebanhos.'" *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes* Nova série 37-38 (1977-1978): 93-125. (Repr. em trad. portuguesa sob o título "Alberto Caeiro: glosas sobre O Guardador de Rebanhos" no seu Temas de literatura portuguesa. Lisboa: Moraes Editores, 1978. 169-197).

"O Guardador de Rebanhos" é um dos textos mais enigmáticos do Fernando Pessoa. Depois de diversas considerações de crítica textual acerca das variantes publicadas nas edições Ática e Aguilar (concluindo que, na falta de uma correcção posterior feita pelo próprio poeta, deve preferir-se o texto por ele originalmente publicado na Athena) e de analisar o que chama "o mistério da selecção" feita por Fernando Pessoa para publicação em vida, o Autor apresenta uma tentativa de interpretação dos 49 poemas no seu todo, para concluir que não se trata de peças isoladas, indiferentemente agrupadas, mas sim de um conjunto coerente, expressamente querido pelo mais exigente dos críticos de Fernando Pessoa: ele próprio. O motivo primeiro de "O Guardador de Rebanhos" é o "realismo existencial do poeta" ou, como o próprio Caeiro o classificou, o "misticismo do corpo."

AC93. Janeira, Armando Martins. "Zen nella poesia di Pessoa." *Quaderni Portoghesi* 1 (Primavera 1977): 95-116. (Repr. em português in Nova Renascença, VI, 23-24 (Verão-Outono 1986): 285-297).

Vários estudiosos ocidentais interessados na cultura do Oriente assinalaram coincidências com o pensamento Zen nos textos de grandes escritores do Ocidente. Indicam-se neste ensaio afinidades surpreendentes entre o Budismo Zen e o pensamento de Alberto Caeiro.

AC94. Josipovici, Gabriel. "Fernando Pessoa, 1888-1935." *The Lessons of Modernism and Other Essays*. New York: M, 1977. 26-50.

A relação de Alberto Caeiro com a experiência do "dia triunfal" significa que Pessoa "was saddled with this unreal and unlikely figure for the rest of his life. However, what in practice happened was that Pessoa allowed doubt to creep into Caeiro's poetry, so that gradually it became not so much Caeiro's as that of Pessoa-aware-of-Caeiro." E o Autor conclui que "despite all Pessoa's efforts to create Caeiro—the invention of a biography, of physical characteristics and the rest of it—the poems move away from the control of the heteronym into a quite different area of experience"—tal como acontece, aliás, como os outros dois heterónimos.

AC95. Kotowicz, Zbigniew. *Fernando Pessoa. Voices of a Nomadic Soul*. London: The Menard Press, 1996. (Repr. em trad. portuguesa de Maria de Lourdes Sousa Ruivo sob o título *Fernando Pessoa: Vozes de uma alma nómada*. Lisboa: Vega, 1998).

Caeiro, poeta sensacionista que desenvolve "a philosophy of non-philosophy" é a antítese de Pessoa, o sebastianista de inclinações místicas. O que ele tem a dizer "deserves to be called a philosophy because of its consistency and because [his] unlearning is indeed very thorough." O VIII Poema de "O Guardador de Rebanhos" é o "strongest anti-catholic statement" de Pessoa, no qual "Caeiro blasphemes in search of the innocence of childhood." O Autor refere a opinião de Thomas Merton sobre a aproximação da poesia de Caeiro com a filosofia Zen, com a qual não concorda totalmente, pois "if nothing else Caeiro's tone is too often too polemical to pass for a Zen poet."

AC96. Kujawski, Gilberto de Mello. *Fernando Pessoa, o Outro*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967. (2ª. ed., 1973; 3ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1979).

Reduzindo as coisas à sua imanência sensível, ao grau zero de significação, de donde provém a inegável força "poética" absorvente na obra de Alberto Caeiro? Mestre de Fernando Pessoa e de todos os heterónimos porque rompeu com o autismo do poeta, arrojando-o face a face com a realidade, Caeiro reconquistou o contacto directo com as coisas, permitindo que Pessoa e os outros heterónimos, devolvidos à realidade, conquistassem novas perspectivas desta, possibilitando assim a renovação radical da poesia, em várias direcções. Estuda-se o seu sensorialismo radical, para concluir que o que há de comum entre a metáfora e as "sensações" de Caeiro é serem ambas formas de apropriação da realidade, ou da

circunstância, pelo "eu," entendido como executividade pura, inteira compenetração do sujeito com as suas acções e paixões.

AC97. ———. "Realidade e poesia em Fernando Pessoa." *O Estado de S. Paulo, Suplemento Cultura* (23 Novembro 1985). (Repr. in *Revista Comunidades de Língua Portuguesa. Estudos sobre Fernando Pessoa no Brasil*, 6-7 (Julho–Dezembro 1985 Janeiro–Junho): 71-74).

Através de Caetano, Fernando Pessoa retoma a poesia pelo caminho da realidade, e chega à realidade pelo caminho da poesia: a invenção do heterónimo e a sua visão neopagã antecipam a ficção poetizante.

AC98. Leal, Ana Maria Gotardi. "A visão inocente: Alberto Caetano." *O Mestre. Homenagem das literaturas de língua portuguesa ao Prof. António Soares Amora*. São Paulo: Academia Lusitana de Ciências, Artes e Letras Centro de Estudos Portugueses Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1997. 37-42.

Recorrendo a Giambattista Vico e Frederico Schiller para conceituar a poesia concebida como visão ingénua e inocente, estudam-se poemas de Alberto Caetano que actualizam uma filosofia de vida em que são privilegiadas a natureza e a sensação virginal.

AC99. Lind, Georg Rudolf. "Alberto Caetano, o renovador do Paganismo." *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto: Inova, 1970. 99-131. (2ª. publ. no seu *Estudos sobre Fernando Pessoa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981).

Relativamente ao aparecimento de Alberto Caetano no "dia triunfal" descrito na carta a Casais Monteiro, não repugna ao Autor concluir que Pessoa se decidiu, em 1935, "a cultivar conscientemente a sua própria lenda, apresentando-se aos amigos mais jovens como o pai involuntário de três personagens poéticas e ocultando, propositadamente, todas as considerações de ordem teórica e programática que haviam precedido o nascimento delas." Tais considerações baseiam-se, essencialmente, no paganismo greco-romano; ao mundo grego vai buscar Pessoa as duas ideais centrais de disciplina e de limitação. O programa que Pessoa traçou para Alberto Caetano está contido quase na íntegra no ensaio "O Regresso dos Deuses," embora seja surpreendente o facto de "o próprio Caetano nunca se deixar emaranhar nas malhas duma ideologia neopagã": são exemplo disso as "digressões subjectivas" dos poemas de "O Pastor Amoroso." Conclui-se

que é indiscutível o carácter anti-subjectivista e anti-romântico da produção de Caetano que, ainda que possa ter estado ligada a considerações programáticas rigorosas e ainda que o seu criador lhe tenha inculcado post festum uma estrutura ideológica, adquire, como obra de nível artístico, novas conotações espirituais diferentes das do autor.

AC100. ———. *Fernando Pessoa. Alberto Caetano. Dichtungen. Ricardo Reis. Oden.* Zurich: Ammann Verlag, 1986. (2ª. ed., Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1989; 3ª. ed., 1993).

Posfácio à Antologia.

AC101. Linhares Filho. *A “Outra Coisa” na poesia de Fernando Pessoa.* Fortaleza: Edições da Universidade Federal do Ceará, 1982.

O que Alberto Caetano adopta no todo da sua obra é um modo estético, porque instaurador, de sentir a realidade, por isso diferente do modo normal, automático, espontâneo do homem comum senti-la: daí o alto grau de intelectualização da sua poesia, conquanto negue que a intelectualiza. Analisa-se o relacionamento entre Caetano e Campos, para concluir que o segundo, realista e sensível, é o ponto de encontro do modo de ser do primeiro com o modo de ser de Pessoa. O “nada” hiperbólico e idealista de Caetano exprime-se nos seus poemas em negações, restrições ou exclusões; mas o Mestre, de posição mais contraditória, quereria na verdade tudo, embora um tudo restrito à Natureza.

AC102. Linnartz, Bruno. “Alberto Caetano als antipode Fernando Pessoa.” *Romanistisches Jahrbuch XVII* (1966): 323-342.

Pode entender-se a poesia de Alberto Caetano como “antítese de Pessoa,” como um passo na “busca do eu perdido,” ou como antecipação poética da filosofia husserliana e da crítica linguística de Wittgenstein.

AC103. Lisboa, Maria Manuel. “Modernismo, Nilismo, Caeterismo: histórias de idiotas (não) significando nada.” *O Escritor* 10 (Dezembro 1997): 140-151.

Investigação sobre quem foi “o criminoso homicida que prematuramente matou [Alberto Caetano] na idade de vinte e seis anos.” Através da análise de poemas, prova-se que, sendo a morte e o silêncio “a continuação lógica do acto de ser Caetano, e porque a persistência numa vida se não rimada pelo menos ritmada pela ‘prosa dos meus versos’ era uma traição a esse acto de ser Caetano,” o assassino

foi Fernando Pessoa, seu demiurgo e discípulo. Caeiro foi morto "embora porventura com seu consentimento e cumplicidade, no pressentimento de uma traição que era talvez, acima de tudo, uma traição a si próprio."

AC104. Llardent, José Antonio. "Un poema (casi desconocido) de Alberto Caeiro." *Espacio/Espaço Escrito* 4-5 (Primavera 1990): 53

Apresentação de um poema de Alberto Caeiro ("Para além da curva da estrada") não incluído na edição Ática nem na edição Aguilar, revelado por Jacinto do Prado Coelho in Colóquio-Letras n.º. 20.

AC105. Longland, Jean. "Poetry from P to E." *The Journal of the American Portuguese Society* IX, 1 (Primavera-Verão 1975): 1-7.

Problemas da tradução da poesia portuguesa para Inglês, citando-se, entre outros exemplos, um verso de Alberto Caeiro.

AC106. Lopes, Óscar. "Filosofia e poesia do olhar de Alberto Caeiro." *U.S.D.P.* Lisboa: S.E.C., 1990. 56-62. (Comun. ao E.I.C.F.P., Lisboa, 5-7 Dezembro 1988. Repr. no seu *Cifras do tempo*. Lisboa: Caminho, 1990. 149-158).

Ao concluir a sua obra, depois de ter trazido à poesia portuguesa uma nova respiração serena e pousada, Alberto Caeiro desce a cortina sobre as ruínas da toda a racionalidade espaço-temporal, para depois a subir e descobrir a teologia panteísta de António Mora-Ricardo Reis, o unanimismo transcendente e exaltado, ou a sua contrapartida em tédio e cansaço à Álvaro de Campos, e para o próprio e polimórfico Fernando Pessoa em pessoa. Caeiro tem ainda muito que se lhe diga.

AC107. Lopes, Teresa Rita. "Alberto Caeiro." *Fernando Pessoa et le drame symboliste. Héritage et création*. Paris: Centre Culturel Portugais, Fondation Calouste Gulbenkian, 1977. 289-330. (2ª. ed., 1985).

Caeiro põe em prática a sua "anti-filosofia," enunciando nos seus poemas "les préceptes d'une sagesse de vivre, de passer et de finir." Para viver serenamente, propõe sobretudo, recusas (não pensar, não se interrogar, não experimentar sentimentos); enfrentar a passagem do tempo através da "ciência de ver"; e não temer a morte. Se na sua "anti-poética," procura conscientemente um estilo "apoético," que não hesita em chamar "prosa," Caeiro tenta realizar na vida a "objectivação" que Fernando Pessoa sempre perseguiu no plano esté-

tico. Analisam-se os seus poemas, para concluir que Caetano "serait plutôt un personnage de roman que de théâtre." Pessoa fê-lo morrer em 1915 porque Caetano "après avoir énoncé ses préceptes, il ne pouvait que commencer à se contredire. Et il fallait qu'il reste le Maître."

AC108. ———. "Alberto Caetano." *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être*. Paris: Éditions de la Différence, 1985. 24-28.

Alberto Caetano representa "l'effort le plus poussé de cette envolée [de Fernando Pessoa] pour se retrouver dans un autre. Caetano n'est pas seulement le produit d'une construction mentale, il correspond à l'aspiration suprême de Pessoa (dans toutes les personnes qui éprouvent sa peine) de se sentir 'complet,' de faire corps avec son ombre." Caetano representa, também, a saudade "d'une enfance à perte de vue" e a saudade "de cette Unité recherchée par tous les autres: la joie sans nuages, la sérénité sans la moindre fissure d'un déchirement quelconque": foi concebido para ser o regresso à inocência cósmica. Foi-o também para ser o antídoto contra a vertigem do ser, a insónia de existir de Pessoa, de Bernardo Soares e de Álvaro de Campos. Caetano aparece-nos como "l'apôtre au féminin d'une foi qu'il se refuse à définir et que seul le corps connaît sans éprouver le besoin de l'expliquer."

AC109. ———. "Terceiro e último episódio do diálogo Campos-Pessoa. Três poemas inéditos de Alberto Caetano." *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias* 504 (3 Março 1992).

Conversa imaginária entre Fernando Pessoa e Álvaro de Campos acerca da "incapacidade dos capatazes da cultura" em Portugal. Texto polémico em que são criticados alguns pessoanos e em que se apresentam três poemas inéditos de Alberto Caetano em torno de S. Francisco de Assis.

AC110. ———. "À l'intérieur du souvenir de soi. Perspectives de Pessoa." *Notes en souvenir de mon maître Caetano. Fernando Pessoa*. Les Éditions Fischbacher. Collection Minuit Rouge, 1996. 95-126.

Alberto Caetano "est surtout le maître que Pessoa oppose à lui-même, et à ceux qui, comme lui, sont des victimes de la civilisation chrétienne." Pessoa, sendo um cidadão inveterado, inventou-o "pour apprendre à faire corps avec la Nature—c'est-à-dire avec la réalité—lui qui n'a jamais su faire corps avec rien ni personne." A Autora analisa as "Notas" de Álvaro de Campos, sublinhando que este "a si savamment manipulé le discours direct et indirect, le récit et les dialogues, que ses personnages acquièrent une présence physique."

AC111. ———. “Advertência e Notas Prévias.” *Álvaro de Campos*. “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro.” Lisboa: Editorial Estampa, 1997. 9-34.

Uma leitura atenta das “Notas” de Álvaro de Campos revela que esta ficção se organiza em torno da iniciação de Pessoa, Campos, Mora e Reis que, ao conhecerem Caeiro, o Mestre, nasceram de novo: é este quem lhes revela a sua verdadeira alma. A natureza divina de Caeiro está sempre presente, mas é dada tão discretamente que passará despercebida ao leitor menos precavido.

AC112. ———. “O uso das variantes de autor em Fernando Pessoa.” *Actas do Congresso Internacional organizado por motivo dos vinte anos do Português no Ensino Superior* [29-31 Outubro 1997.] Budapeste: Departamento de Português da Universidade Eötvös Loránd, 1999. 85-94.

Analisa-se e critica-se o uso que alguns editores fizeram das variantes de autor de Fernando Pessoa, na edição facsimilada do manuscrito de “O Guardador de Rebanhos” (Ivo Castro) e em “Fernando Pessoa. Poemas Completos de Alberto Caeiro” (Teresa Sobral Cunha). Utilizando exemplos concretos, verifica-se não só que são discutíveis os resultados obtidos, como também que os critérios utilizados nestas críticas textuais flutuam em muitas circunstâncias, confundindo “variantes” com “acrescentos opcionais” do autor. Cotejando com a edição crítica dos “Poemas Ingleses,” conclui-se que o tratamento dado pela Equipa Pessoa às variantes de autor “não é o de Pessoa, quando, finalmente, se decide e escolhe o texto final.”

AC113. Lopez de Gregori, Carlos. “Alberto Caeiro: Cuando la poesía es inhumana.” *Pessoa & Companhia*. Lima: Unión Latina, Embajada de Portugal en el Perú, Universidad de Lima, 1993. 93-102.

Alberto Caeiro é a poesia pura levada até um extremo inconcebível: é o lugar onde desaparecem os limites entre as palavras e o universo, mas é, também, o lugar onde a poesia fatalmente se torna inumana.

AC114. Lourenço, Eduardo. “A curiosa singularidade de ‘Mestre Caeiro.’” *Pessoa revisitado. Leitura estruturante do drama em gente*. Porto: Inova 1973. (2ª. ed., Lisboa: Moraes, 1981. Repr. em trad. francesa de Annie de Faria no seu *Pessoa, l'étranger absolu*. Paris: Editions A.M. Métailié, 1990).

O mistério da gênese concreta de Alberto Caieiro prende-se sem equívoco possível ao seu encontro com Walt Whitman. Quando se examina melhor a poesia de Caieiro, salta aos olhos a presença avassaladora, essencial e não meramente acidental ou decorativa, do poeta americano. Caieiro é um Whitman "imaginário," ou antes, um Whitman em ideia. Sob Caieiro levou Fernando Pessoa a cabo a sua adesão ao sonho da realidade, construindo um imaginário refúgio contra o seu sentimento de irrealidade. Mas como a ficção o podia consolar tanto ou mais do que essa realidade onde nunca pôde descobrir outra coisa que ficção, ele próprio seu criador se tornou seu filho e seu discípulo. Uma única das ficções de Fernando Pessoa pôde adquirir aos olhos do seu criador esse estatuto mítico que, segundo ele, é a marca própria das criaturas ideais destinadas ao céu literário: Alberto Caieiro, o "mito que é tudo." A heteronímia não foi, nem é, solução, mas Caieiro é a "solução" enquanto mito e, enquanto mito, estrutura não só a construção "literária" que designamos por ficção heteronímica, mas a ficção existencial que é a vida realíssima de Fernando Pessoa. Talvez não sejamos de todo infiéis ao ser profundo de Alberto Caieiro e à função que Fernando Pessoa lhe atribuiu, se virmos nele uma versão, um tudo nada ocultista, do "anjo da guarda."

AC115. ———. "Walt Whitman e Pessoa." *Quaderni Portoghesi* 2 (Outono 1977): 155-184. (Trad. de Silvano Peloso. Repr. na versão original em Português no seu *Poesia e metafísica. Camões. Antero. Pessoa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983. 173-198).

Do encontro de Fernando Pessoa com a poesia de Walt Whitman surgiu a totalidade da arquitectura heteronímica. Tais como textualmente se concretizaram, os heterónimos são o resultado da deflagração do universo de Fernando Pessoa confrontado com o universo whitmaniano. Nesse sentido, porém, Álvaro de Campos é um anti-Whitman, enquanto Caieiro é um não-Whitman.

AC116. ———. "La poésie de Pessoa entre 1910 et 1914 ou le creuset de l'hétéronymisme." *Persona* 2 (7/1978): 9-26. (Ensaio datado de 1971).

Uma análise minuciosa dos poemas que Fernando Pessoa escreveu antes de 1914, revela que o nascimento dos heterónimos, mais precisamente o de Alberto Caieiro, não foi o "milagre" referido pelo seu criador, mas uma etapa natural num processo de que o poema "Hora Absurda" representa a expressão acabada de uma contradição formal e substancialmente insanável. Caieiro vem fornecer a chave para resolver a crise.

AC117. ———. “De Junqueiro a Pessoa.” *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias* 7 (26 Maio 1981): 14-15. (Repr. no seu *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. 111-119; e em trad. francesa de Annie de Faria sob o título “Une source pour Alberto Caiero,” no seu *Fernando Pessoa, roi de notre Bavière*. Paris: Librairie Séguier, 1988. 159-169).

Revela-se um laço significativo entre os universos de Guerra Junqueiro e de Alberto Caiero. O Poema VIII de “O Guardador de Rebanhos” (salvo a parte final) é indiscutivelmente vinculado não só a imagens precisas mas à própria mitologia junqueiriana. Foi certamente através de Unamuno que o Jesus “humano” e “natural” de Junqueiro chegou a Fernando Pessoa, como se prova numa passagem de Por tierras de Portugal y España, em que Unamuno cita o “Cristo português” que um dia Junqueiro lhe descreveu e que coincide com o Cristo humanizado de Caiero.

AC118. ———. “Nietzsche et Pessoa.” *Fernando Pessoa, roi de notre Bavière*. Paris: Editions Chandeigne, 1997. 167-185. (Repr. em trad. francesa de Annie de Faria. no seu *Fernando Pessoa, roi de notre Bavière*. Paris: Librairie Séguier, 1998. 73-90.).

Talvez não haja nenhuma obra do início do nosso século mais marcada pelo objectivo subversivo e profético de Nietzsche do que a de Fernando Pessoa, criador de Alberto Caiero e autor do texto polémico que é o “Ultimatum” de Álvaro de Campos. Todavia, paradoxalmente (não fosse Fernando Pessoa quem era) encontramos nele uma componente anti-nietzschiana igualmente radical, pois são diferentes os pressupostos e a finalidade dos respectivos combates, que não têm o mesmo conteúdo nem o mesmo fundamento cultural. Na obra de Nietzsche, a expressão onírica da realidade desempenha um papel tão mítico como a poesia na obra de Fernando Pessoa. No que respeita a Alberto Caiero, a atitude do “Guardador de Rebanhos” não está muito afastada da de Zarathustra.

AC119. Magalhães, Isabel Allegro de. “O gesto, e não as mãos. A figuração do feminino na obra de Fernando Pessoa: uma gramática da mulher evanescente.” *Colóquio/Letras* 140-141 (Abril-Setembro 1966): 17-47.

Pesquisa dos modos de emergência de um feminino evanescente na obra pessoana. Os poemas de “O Pastor Amoroso” põe-nos perante uma muito vaga presença feminina, embora em alguns versos os seus contornos assumam uma clara tonali-

dade erótica. Apesar disso, "a mulher-personagem é quase sempre indirectamente mencionada: unicamente pelos pronomes que a designam."

AC120. Margarido, Alfredo. "Alberto Caeiro: poeta polémico." *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias* 162 (4 Novembro 1964).

Estudo de três aspectos da poesia de Alberto Caeiro: a sua atitude perante as coisas é fundamentalmente polémica, revela a constante busca de um mundo de ausência como único capaz de definir a totalidade do existente e identifica-se com a escola romanesca do olhar, de que é expoente Alain Robbe-Grillet.

AC121. Martinho, Fernando J. B. *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa (Do Orpheu a 1960)*. Biblioteca Breve, Vol. 82 Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesas, 1983. (2ª. ed., 1991).

Diálogos textuais de poetas modernos e contemporâneos portugueses com a poesia de Alberto Caeiro: Carlos Queiroz, Alberto de Serpa, Adolfo Casais Monteiro, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Ruy Cinatti, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Sebastião da Gama, Eduardo Valente da Fonseca, António Ramos Rosa, Pedro Tamen e António Silva Pinto.

AC122. Martins, Fernando Manuel Cabral. "Cézanne e Caeiro: A ciência de ver." *U.S.D.P.* Lisboa: S.E.C., 1990. 292-294. (Comun. ao E.I.C.F.P., Lisboa, 5-7 Dezembro 1988).

Análise da possibilidade de uma relação dos textos de Alberto Caeiro com a atitude estética (ou a poética fundadora) de Cézanne, pintor que, mais do que qualquer outro, se encontra na charneira da arte de vanguarda.

AC123. Matos, Maria Vitalina Leal de. "Alberto Caeiro, uma anti-semiose." *Estudos portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno-Picchio*. Lisboa: Difel, 1991. 783-794. (Repr. no seu *A vivência do tempo em Fernando Pessoa e outros ensaios pessoanos*. Lisboa: Verbo, 1993. 315-360).

O elemento motor que está na origem não de incoerências ou contradições episódicas, mas da contradição viva que é a poesia de Alberto Caeiro é o que pode chamar-se a vontade de não significação ou anti-semiose: o magistério de Caeiro consiste em cortar brutalmente o nó górdio de toda a poesia pessoana.

AC124. Mendes, Victor. "Caeiro ou a lição da natureza." *Poéticas do século XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984. 165-173.

Análise do VIII Poema de "O Guardador de Rebanhos." A questão central de Caieiro é: como posso viver na irrealidade? Um dos fios da resposta seria o do trajecto da capacidade intelectual, parcialmente denegrida, para a imagética. O deus conceptual cristão é substituído por um novo deus, A Criança Eterna. Dá-se assim o derrube da aliança teológico-homossexual filho-pai, substituída pela aliança heterossexual, pagã e até panteísta, filho-mãe.

AC125. Merton, Thomas. *The Hidden Ground of Love. The Letters of Thomas Merton*. New York: Farrar, Strauss Giroux, 1985. 191-192 e 460.

Nas suas cartas para a Irmã M. Emmanuel de Sousa e Silva e para o Prof. Hiromu Morishita, Thomas Merton refere que os poemas de Alberto Caieiro têm "a great Zen quality" e que, embora lhes falte "the delicacy and suggestiveness of Japanese poetry, contain something of the Japanese view of things."

AC126. ———. "[Nota sobre Fernando Pessoa]". *Persona 11/12* (Dezembro 1985): 106. (em trad. portuguesa de George Monteiro. Publ. in *The Literary Essays of Thomas Merton*, New York: New Directions, 1981. 309).

Pessoa-Caieiro deve ser considerado entre os escritores ocidentais que expressaram uma afinidade com a visão Zen—"a capacidade para um estado de consciência absoluta."

AC127. Moisés, Carlos Filipe. "Caieiro, Mestre." *Indiana Journal of Hispanic Literatures* 9 (Outono 1996): 53-75.

Fernando Pessoa é um revolucionário, mas a sua revolução, a mais eficaz de todas, é discretíssima, quase subliminar: não agita, não choca, não dá gritos histéricos, passa despercebida. Onde mais poderia estar senão na placidez bucólica de Alberto Caieiro? É por demais evidente a afinidade entre a problemática assumida nos versos de Caieiro com os enunciados de Wittgenstein, com os quais compõem uma surpreendente e harmoniosa unidade.

AC128. Moisés, Massaud. "Alberto Caieiro, mestre de poesia?" *O Estado de S. Paulo, Suplemento Cultura* (11/23/1985): (Repr. in *Revista Comunidades de Língua Portuguesa. Estudos sobre Fernando Pessoa no Brasil*, 6-7, São Paulo (Julho-Dezembro 1985-Janeiro-Junho 1986): 81-86; rep. sob o título *Alberto Caieiro, mestre de poesia? I*, no seu *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*, São Paulo: Editora Cultrix, 2ª.

ed., 1990, 159-171 e in *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, XXXI. 491-501).

Por que razão Fernando Pessoa considerou Alberto Caeiro seu "mestre"? Indicam-se três hipóteses explicativas: a oculista, a afectiva e a intrínseca, das quais se desenvolve a terceira. Caeiro é, efectivamente, o único dos heterónimos que se pretende, ou parece, poeta autêntico ou natural; considerando-o seu mestre, Fernando Pessoa considera-se mestre de si próprio.

AC129. ———. "Introdução." *O Guardador de Rebanhos e outros poemas de Fernando Pessoa*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

Se há heterónimo que resista valentemente ao assédio dos críticos, é Alberto Caeiro: nas incógnitas suscitadas pela leitura da sua obra alojam-se as interrogações básicas contidas no Fernando Pessoa como um todo, ou sugeridas por ele. Nos poemas de Caeiro revela-se um constante paradoxo inerente a um vaivém dialéctico, a um malabarismo de suposições a um só tempo lógicas e pretensamente alógicas (afirmação/negação). Negado o conhecimento, que é já e sempre posterior à primeira visão das coisas, Alberto Caeiro converte-se no pastor de ideias/pensamentos/sensações em torno do não-pensar.

AC130. ———. "O 'Livro do Desassossego': livro-caixa, livro-sensação?" U.S.D.P. Lisboa: S.E.C., 1990. 87-90. (Comun. ao E.I.C.F.P., Lisboa, 5-7 Dezembro 1988. Repr. no seu *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*, São Paulo: Editora Cultrix, 2ª. ed., revista e aumentada, 1990. 139-143).

Bernardo Soares repele a liderança de Alberto Caeiro por ser prosador. Fernando Pessoa talvez não chegasse a terminar o processo de fazê-lo heterónimo completo, circunstância que não o tornaria discípulo, mas mestre consumado: quem sabe teria concebido dois mestres, um de poesia (Caeiro) e um de prosa (Bernardo Soares), sem levar a termo, porém, a construção deste último.

AC131. ———. "Alberto Caeiro, mestre de poesia?" *Arquivos do Centro Cultural Português*. XXXI. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992. 491-501. (Repr. sob o título *Alberto Caeiro, mestre de poesia? II*, no seu *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*, São Paulo: Editora Cultrix, 2ª. ed., 1990. 173-184).

Na sequência do ensaio publicado sob o mesmo título em 1985 (v.), equaciona a tese segundo a qual Fernando Pessoa se escoraria também em razões de ordem

afectiva, ou estético-afectiva, para dar vazão ao guia Zen dos seres imaginários que a sua mente produzia sem cessar. Tais razões estariam vinculadas à sua amizade fraterna com Mário de Sá-Carneiro. Alberto Caeiro é o Sá-Carneiro que intelectualizasse a sua visão da Natureza e a sua vida interior: o que em Sá-Carneiro era o natural puramente estético, volve-se em Caeiro em natural pensado, em natural do pensamento.

AC132. Monteiro, Adolfo Casais. "Essência e forma em Fernando Pessoa." *O Estado de São Paulo, Suplemento Literário* 6 (17 Novembro 1956).

Entre as formas tradicionais usadas por Fernando Pessoa ele mesmo e por Ricardo Reis, e os ritmos "livres" dominantes em toda a poesia de Alberto Caeiro e quase toda a de Álvaro de Campos, não há diferença de essência, mas de grau. Os elementos novos introduzidos na poesia portuguesa por Caeiro e Campos alargam as suas possibilidades de expressão, mas não as alteram.

AC133. ———. "Encontro fora do tempo e do espaço." *A poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. 125-131. (Texto originalmente publicado em dois artigos sob os títulos "Encontro fora do tempo e do espaço" e "Ainda um estranho encontro," in *O Estado de São Paulo, Suplemento Literário*, ns. 116 e 117, 17 e 24 Janeiro 1959).

Em Outubro de 1958, nas páginas de "La Nouvelle Revue Française," Alain Robe-Grillet ao procurar definir num artigo as novas tendências do romance, não faz mais do que repetir, às vezes com as mesmas palavras (que se transcrevem no ensaio), os ensinamentos de Alberto Caeiro em "O Guardador de Rebanhos." O encontro dos dois escritores, encarado de um ponto de vista estritamente histórico poderia levar à conclusão de que um poeta português chegou, em 1914, onde só quarenta e quatro anos mais tarde chegaria a evolução do romance francês. Caeiro deixa assim de ser apenas mestre de Pessoa e dos seus companheiros, para o ser também do que será talvez o caminho para uma nova estética.

AC134. Monteiro, George. "Fernando Pessoa's Ontological Poem." *Concerning Poetry* 9, 1 (Primavera 1976): 15-18.

Em toda a obra pessoana, é no XXVII Poema de "O Guardador de Rebanhos" ("Li hoje quase duas páginas"), que mais profundamente se exprimem as antinomias do "Ser." Girando à volta das metáforas da doença e da loucura (e, por contraste, da saúde e da sanidade mental): a "chave" do poema é o "jogo" feito com

a palavra “são,” utilizada como tempo do verbo ser e como adjetivo. A “mensagem” de Caetano, expressa através de rima, repetição e trocadilho, poderá ser a de que ser é ter saúde, porquanto ser outra coisa ou algo de diferente é estar doente.

AC135. ———. “Poet and Anti-Poet.” *The Presence of Pessoa. English, American and Southern African Literary Responses*. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, 1998. 28-40.

Colaborador de Paul Celan na tradução de poemas de Fernando Pessoa em alemão, o poeta, scholar e tradutor Edouard Roditi foi o pioneiro da crítica pessoana nos Estados Unidos (1955), tendo sofrido a influência de Fernando Pessoa na sua própria poesia. O poeta americano e monge trapista Thomas Merton, que em 1966 publicou em tradução inglesa diversos poemas de Alberto Caetano— que considerava ser um poeta de grande qualidade Zen—foi igualmente influenciado por Fernando Pessoa na sua obra.

AC136. Monteiro, Maria Rosa da Rocha Valente Sil e Américo António Lindeza Diogo. “Pessoa-Quaresma, investigador.” *Nós*. 35-40 (1994): 45-54. (Repr. sob o título “*Quaresma investigador*” no seu *Um medo por demais inteligente*. Autobiografias pessoanas. Braga-Coimbra: Angelus Novus, 1994. 7-17).

Analisa-se os quatro esboços de novelas policiárias de Fernando Pessoa, na perspectiva de o investigador Dr. Abílio Quaresma se aproximar, bastante mais do que de Bernardos Soares, da ficção heteronímica, bem como de revelar a influência heterotextual de Alberto Caetano.

AC137. Mourão-Ferreira, David. “Sá de Miranda, a Écloga e Fernando Pessoa.” *Távola Redonda* 11 (Dezembro 1951). (Repr. no seu *Nos passos de Pessoa*. Lisboa: Presença, 1988. 25-32).

Alberto Caetano é o mais acabado representante da atitude poética, despersonalizante e parateatral, que, subsidiária da atitude bucólica, entrou no lirismo português através de Sá de Miranda. No lirismo nacional, a poesia pastoril era a mais forte tradição de poesia heteronímica e despersonalizante, de poesia dramática, de “fingimento”: embora de espécie complicada, Caetano é tanto ou tão pouco pastor como um qualquer zagalo de Bernardim Ribeiro. Incluindo-se nessa nossa tradição, justificam-se plenamente a prioridade do seu surgimento e o magistério que manterá perante os outros heterónimos e perante o seu próprio criador.

AC138. ———. "Algumas mulheres na poesia de Fernando Pessoa." *Nos passos de Pessoa*. Lisboa: Presença, 1988. 131-151.

Em matéria de amor, a imaginação de Fernando Pessoa-poeta conseguiu em muitos passos superar as inibições de Fernando Pessoa-pessoa. Percorrendo a obra dos heterónimos (aliás todos eles impenitentes celibatários), conclui-se que através de Alberto Caeiro, Fernando Pessoa intuiu algumas fundamentais realidades do amor, se não em termos físicos, pelo menos no tocante a certos tormentos espirituais que o acompanham ou de que ele também se compõe.

AC139. Nunes, Benedito. "Os outros de Fernando Pessoa." *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. 220-221

Como se fosse um discípulo moderno e ocidentalizado do Zen-budismo, Alberto Caeiro adentra-se a ter uma visão directa do mundo, não turbada pela necessidade de reflexão. Em alguns dos seus versos há uma réplica e uma censura a Fernando Pessoa, incapaz de se manter nos limites da sensibilidade, bem como uma nova regra de conduta, oposta às atitudes predominantes na cultura ocidental. O paganismo de Caeiro, que tem pontos de contacto com a antiguidade greco-latina ou com os primitivos bons-selvagens, é essencialmente a inocência da alma.

AC140. Oliveira, Zacarias de. "Fernando Pessoa e a Pesquisa do Além." *Poesia Espírito e Cristianismo*. Porto: 1984. 151-166.

Alberto Caeiro põe claramente o problema de Deus e resolve-o, com toda a simplicidade, pelo panteísmo mais ou menos pagão ou negativista. O VIII Poema de "O Guardador de Rebanhos," além de sacrílego, tem ar de brincadeiras ou jogo: mas prova que a teologia católica, nele ridicularizada, não era estranha ao poeta.

AC141. Padilla, Hugo. "La antimetafísica de Alberto Caeiro." *Armas y Letras* (Junho 1963): 64-69.

A atitude anti-metafísica de Alberto Caeiro é apenas um dos muitos reflexos de uma atitude mais ampla: a anti-intelectualista: o poeta não faz perguntas, não aceita mistérios nem sentidos íntimos das coisas. "Preguntar, requiere contestar; interrogar, requiere dar respuesta. Pero contestar y dar respuesta es ya hacer teorías." Todavía, "Caeiro parece caer en su propia trampa. Para decir que no vale la pena pensar, tiene que pensar que no vale la pena hacerlo. Para afirmar que carece de valor tener ideas, al menos tiene la idea de ésto. Por ello, la concepción antimetafísica de Caeiro es en el fondo una concepción metafísica."

AC142. Padrão, Maria da Glória. *A metáfora em Fernando Pessoa*. Porto: Editorial Inova, 1973. (2ª. ed., Porto: Limiar, 1981).

Partindo do estudo dos tipos predilectos de metáfora em Fernando Pessoa e aproveitando o método de Bachelard de exegese do imaginário, procura-se uma tipologia de concepções (parciais) do mundo, ou da vida, que Pessoa, sucessiva ou alternativamente, esboça já de peito feito para as reduzir ao absurdo. Caieiro (de quem, sobretudo, se analisa a metáfora do Tempo) é mais uma objectivação de um modo abstracto de estar perante o mundo, um modo em que toda a imaginação cabe mas em que cessa a valoração humana e interna.

AC143. Paz, Octavio. "El desconocido de sí mismo." *Fernando Pessoa. Antología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México 1962. 23-27. (Repr. in *Cuadrivio*, México: J. Martiz, 1965; em trad. portuguesa de José Fernandes Fafe, Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1980. Repr. em trad. francesa de Jean-Claude Masson, no seu *La fleur saxifrage*, Paris: Gallimard, 1984. 144-170. Repr. em trad. inglesa de Michael Schmidt in *Numbers*, III,1, (Primavera 1988): 66-93).

Alberto Caieiro "es todo lo que no es Pessoa y, además, todo lo que no puede ser ningún poeta moderno: el hombre reconciliado con la naturaleza. Antes del cristianismo, sí, pero también antes del trabajo y de la historia. Antes de la conciencia. Caieiro niega, por el mero hecho de existir, no solamente la estética simbolista de Pessoa sino todas las estéticas, todos los valores, todas las ideas." Para o Autor, Caieiro, o mais natural e o mais simples dos heterónimos, "es el menos real. Lo es por exceso de realidad (...) Caieiro es una afirmación absoluta del existir y de ahí que sus palabras nos parezcan verdades de oytro tiempo, ese tiempo en el que todo era uno y lo mismo." E conclui que a máscara de inocência que Caieiro nos mostra "no es la sabiduría: ser sabio es resignarse a saber que no somos inocentes. Pessoa, que lo sabíam estaba más cerca de la sabiduría."

AC144. _____. "Intersecciones y Bifurcaciones. A.O. Barnabooth, Alvaro de Campos, Alberto Caieiro". *El Mercurio* (19 Fevereiro 1989): (Repr. no seu *Convergencias*. Barcelona: Seix Barral, 1991. 23-38).

Analizando o fenómeno da heteronímia em Valéry Larbaud e Fernando Pessoa, o Autor defende que Alberto Caieiro "es un mito, el mito del Yo soy. Este mito, al afirmar la unidad entre el ser y el mundo, postula la identidad entre ser y hablar (...) El drama de los discipulos de Caieiro (y el nuestro) consiste en que no tenemos más remedio que hablar y tener conciencia de que hablamos."

AC145. Pereira, Kleide F. A. "Ficções do Interlúdio/1 (Poemas completos de Alberto Caieiro)." *A obsessão da música na poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988. 91-96

Ao escrever como Alberto Caieiro, Pessoa adopta uma forma exterior de versos livres, contidos na essência de um paganismo artificial. Nos seus versos, a música está, objectiva ou subjectivamente, contida, por vezes pressentida nos elementos da natureza, por vezes lembranças de festins e rituais pagãos.

AC146. Pereira, Maria Idalina. "Fernando Pessoa." *Presença (J.U.C.F.)* 17 (Abril 1957): 27-29.

Alberto Caieiro é o heterónimo cuja ideação se encontra menos próxima da de Fernando Pessoa ele-mesmo; Ricardo Reis ultrapassa, em perfeição formal, o seu criador; e Álvaro de Campos vence-o em capacidade de conferir vibração emotiva à ideia que serve de base a muitas das suas composições.

AC147. Perrone-Moisés, Leyla. "IV. Caieiro Zen." *Fernando Pessoa: Aquém do Eu, Além do Outro*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1982. 113-159

Estudam-se as notáveis coincidências da filosofia de Alberto Caieiro com o Zen-Budismo, assinalando em seguida, na própria poesia deste heterónimo, resultados estáticos semelhantes aos alcançados pelo Zen na arte verbal. O objectivo do estudo não é classificar a poesia de Caieiro usando, para tanto, a sua poesia. Tão pouco se trata apenas de dizer "isto parece-se com aquilo," num comparatismo ingénuo que a nada levaria, já que os caminhos analógicos são infinitos e divagantes. Além disso, a analogia com o Zen só poderia ser tratada superficialmente, dada a complexidade dessa filosofia e o carácter específico (não discursivo) da sua prática: a preciosa, breve e personalíssima poesia de Caieiro correria o risco de ser esmagada no confronto com um saber milenar e colectivo como o do Zen. O paralelo Caieiro-Zen não é, assim, detido no confronto filosófico, antes procurando levar-nos de volta à poesia de Caieiro, aos seus processos, articulações, dificuldades e soluções.

AC148. Pires Filho, Ormindo. "Alberto Caieiro: Paganismo em prosa e verso." *Estudos Portugueses. Cem Anos de Pessoa* 1 (1989): 29-40. (Repr. in *Estudos Portugueses. Fernando Pessoa Revisitado*, Revista da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 5 (1995): 171-185).

As obras dos heterónimos, até certo ponto, poderiam ser frutos da "Mensagem" do Além, que Fernando Pessoa, obediente aos impulsos e às tendências mediúnicas, psicografou. Através do estudo do que os heterónimos entendiam por paganismo, constroem-se os alicerces de uma propedêutica para compreensão, em profundidade, da obra de Alberto Caeiro.

AC149. Quesado, José Clécio Basílio. "A objectividade perceptiva de Alberto Caeiro." *O constelado Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. 45-61.

Demonstra-se que Alberto Caeiro, desenvolvendo a sua actividade poética centrado na percepção do objecto do espaço externo, procura, no seu objectivismo total, sentir o universo das coisas naturais até à anulação do sujeito e de todas as categorias que o definem como tal. Na afirmação da sensorialidade, Caeiro privilegia o visualismo, na linha dos gregos antigos. Propondo o equilíbrio da ordem universal a partir da natural, procura no cosmo pessoano a composição de uma harmonia para o estar do homem no mundo e para a linguagem que o faz significar, opondo-se assim a toda a inquietação pensamento de Pessoa-ele mesmo. Conclui-se que no todo constelado do poeta, a objectividade e a subjectividade formam os elementos polares que são assumidos, respectivamente por Caeiro e pelo ortónimo. Reis e Campos traçam as suas órbitas em torno desses polos.

AC150. Quintanilha, F. E. G. "Introduction." *Fernando Pessoa. Sixty Portuguese Poems*. Cardiff: University of Wales Press 1971. xxxiii-xxxiv. (Republ. 1973; 1ª. ed. em paperback, 1988).

Embora os poemas de Caeiro tenham sido concebidos "with the conventions of pastoral poetry" e Fernando Pessoa fale deles em termos de "simplicity, straightforwardness, and naïvety," a verdade é que "his poetry's simplicity is only apparent. One is faced with a type of sophisticated and dialectical process of thought which can be detected from the first poem."

AC151. Quiroga, José C. "Análise comparativa de ocorrências vocabulares na língua dos heterónimos pessoanos." *Rosalía* 5 (Primavera 1986): 31-49

Aproximação comparativa à língua dos heterónimos, a nível morfológico, utilizando índices de frequência e quadros percentuais. Partindo da edição Ática, conclui-se que existem diferenças concretas e nível de frequência de vocabulário (e a nível da língua) entre os três heterónimos e Pessoa ele-mesmo. Em geral, pode dizer-se que a língua de Alberto Caeiro "é a mais particular": tem uma percen-

tagem de formas do Indicativo superior à de todos os outros, não usa nenhum Imperativo, emprega menos verbos com significado negativo. No que se refere a substantivos, Caetano revela uma proporção individual muito elevada de coisas e objectos da Natureza e do mundo real; e, ao contrário dos outros heterónimos e de Pessoa ele-mesmo, não tem qualquer referência às coisas do mar.

AC152. Rebelo, Luís de Sousa. "Fernando Pessoa e a tradição clássica." *Arquivos do Centro Cultural Português*. XIII Paris: Fundação Calouste Gulbenkian 1978. 235-263 (Repr. no seu *A tradição clássica na literatura portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1982. 280-308).

Têm que se rever por completo quaisquer leituras que queiram detectar a presença do Budismo Zen em "O Guardador de Rebanhos," determinada a partir de aspectos que, sendo comuns à filosofia e à meditação Zen, o são também à filosofia, à sagesa dos Estóicos e à sua arte sábia e iluminadora do paradoxo, tão subtil como a do Koan. Pessoa explorou na produção do seu discurso poético a lógica e a epistemologia dos Estóicos, recorrendo todavia à tradição clássica através da intertextualidade. É através de processos de dinâmica intertextual que Caetano busca destruir o Cristismo, numa tentativa de objectivação e redução da imagem, que a liberte da emotividade que sucessivas leituras sobre ela acumularam ao longo dos séculos: a imagem polissémica do vento (X Poema) que na sua essencialidade poética remonta aos textos das antigas cosmogonias orientais, mostra ter afinidades com o Evangelho segundo S. João.

AC153. ———. "Alberto Caetano e o deus que faltava." *Afecto às Letras. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. 382-391.

A formulação teórica de um pensamento neopagão, consentâneo com as tradições e as necessidades da cultura portuguesa, assume uma importância fundamental nos escritos de Fernando Pessoa e do seu heterónimo António Mora, que constituem um prolongamento doutrinal e um desenvolvimento hermenêutico de ideias e atitudes nascidas dos poemas de "O Guardador de Rebanhos." Analisa-se o pensamento neopagão de Pessoa, sublinhando que tudo indica que um dos autores que o influenciou foi John M. Robertson. O Cristo do "VII Poema" de "O Guardador de Rebanhos," onde se detectam tons junqueirianos e acentos idílicos da "Vida de Jesus" de Gomes Leal, é uma figura original que se integra no gène-

ro da sátira menipeia, tendo muitas semelhanças com o Cristo de William Blake em "The Everlasting Gospel." Curiosamente, nunca se reparou que a revolução estética que levou à instalação da sensibilidade moderna entre nós se desenvolve sincronicamente com a que é levada a cabo por James Joyce. Pessoa e Caeiro são não apenas os fundadores do nosso Modernismo, mas figuras de proa da Modernidade que, no começo deste século, nasce nas literaturas ocidentais.

AC154. ———. "Paganismo versus Cristianismo em Fernando Pessoa." *Actas IV, Vol. II*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1990. 41-49. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988. Repr. in *Boletim Bibliográfico. Biblioteca Mário de Andrade*, 1-4 (Janeiro-Dezembro 1987): 9-16; e in *Colóquio/Letras*, 104-105 (Julho-Outubro 1988).

Fernando Pessoa medita a problemática do pensamento antigo dentro da dialéctica da sua discursividade e do ponto de vista da sua relevância para o tempo cultural português. Estuda-se o desenvolvimento das ideias de Pessoa sobre a relação entre Paganismo e Cristianismo, bem como o efeito que elas tiveram na sua criação poética, com referências a Nietzsche, Mathew Arnold e Oliveira Martins.

AC155. ———. "Alberto Caeiro e o Neopaganismo." *Fernando Pessoa. Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Lisboa: Presença, 1994. 333-350.

Depois de se historiar o projecto Alberto Caeiro, através do recurso a textos de Pessoa e de outros heterónimos (Ricardo Reis e António Mora), analisam-se obsessões temáticas que existem na sua obra, precedendo-a e integrando-a. No destino de Artista-Messias que é o seu, empenhado em forjar uma nova consciência nacional e criar uma sensibilidade sintonizada com as novas realidades, Pessoa é um caso singular e único no plano da cultura europeia. É certo que a ideia não é apanágio de Pessoa, nem exclusivo seu: ela aparece no horizonte de espera da intelectualidade europeia do início do século: só que talvez nenhum outro escritor reunisse em si todas as condições que nele se nos deparam.

AC156. Rickard, Peter. "Alberto Caeiro." *Fernando Pessoa. Selected Poems*. Edinburgo: University Press, 1971. 28-31.

Algumas ideias de Alberto Caeiro "strikingly anticipate certain aspects of modern existentialist thought: he would certainly have subscribed to what Sartre

was later to write in one of the first pages of *L'Être et le néant*." Para o Autor, o ponto fraco de Caieiro "in his glorification of immanence and his dismissal of transcendence" é que "he is really asking homo sapiens to give up being homo-sapiens. (...) There is a strangely feverish, over-hearty quality about Caieiro, as though he desperately needed to convince himself that there is no more to things than their appearance, and that he therefore has nothing at all to worry about. But the doctrine he preaches is a superhuman one, impossible of fulfilment for ordinary mortals." Talvez fosse por considerar insustentável esta posição que Fernando Pessoa "matou" Caieiro quando este era ainda jovem (26 anos) e lhe atribuiu muito poucos poemas depois de 1920.

AC157. Sacramento, Mário. "Autopsicografia." *Fernando Pessoa. Poeta da Hora Absurda*. Lisboa: Contraponto, s.d. (1959). (2ª. ed., Porto: Editorial Inova, 1970; 3ª. ed., Lisboa: Vega, 1985).

O autor, que Óscar Lopes diz confinado de propósito "nas macroestruturas ideológicas de Pessoa," apresenta Alberto Caieiro como um "cínico e obsesso vestido de 'simples';" há nele o que quer que seja que nos faz pensar, contraditoriamente, no Junqueiro de "Os Simples" e no Jacinto de "A cidade e as serras." Sob a "falsa candura do olhar de safra," a sinceridade de Caieiro é "brutal e cínica." Há que confrontá-la com a do homem-Pessoa, em que se encontram inúmeros reflexos de Nietzsche e do culto do super-homem. Confrontando versos de Caieiro com passagens de "Assim falava Zaratustra," verifica-se que a sua obra poderia rotular-se como uma "introdução à utopia numa fuga ao absurdo" e que, concluída tal introdução, "percorremos por ela um novo caminho de absurdo." "Mito frágil, a obra de Caieiro, lida de ponta a ponta, deixa-nos a recordação de uma poesia."

AC158. Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa. "Poets, Angels, and The Canon: Master Caieiro and The Supreme Fiction." *Indiana Journal of Hispanic Literatures* 9 (Outono 1996): 145-169.

Estudando a poesia e a poética de Fernando Pessoa no contexto do Modernismo anglo-americano, compara-se a descrição por ele feita da génese dos heterónimos com a invocação do Anjo por Wallace Stevens na última secção das "Notes Toward a Supreme Fiction," no sentido de que ambos os textos são representações da ideia do poeta acerca da sua própria identidade (ou ficção de identidade) como criador original. Em ambos os casos, Walt Whitman desempenha um papel importante de antagonista. Conclui-se que, especialmente entre os escri-

tores Modernistas, é redutor e simplista distinguir entre reaccionarismo político e revolucionarismo poético.

AC159. Saraiva, Arnaldo. "Das contradições (de) Caeiro às contradições sobre Caeiro." *Persona* 2 (Julho 1978): 43-48.

Revela-se a complicada montagem, por Fernando Pessoa, do heterónimo Alberto Caeiro, começada em 1912 como uma brincadeira e prolongada até 1914, para tornar mais clara a génese heteronímica e pôr à prova a "verdade" de Caeiro através dos amigos que mistificava: Caeiro-heterónimo estaria para Pessoa assim como Caeiro-histórico estaria para os companheiros e amigos de Pessoa.

AC160. Saraiva, Mário. *O caso clínico de Fernando Pessoa*. Lisboa: Referendo, s.d. [1990]. 163-164.

Diagnosticando a psicose de que sofreu Fernando Pessoa (esquizofrenia mista, entre a esquizofrenia hebefrénica e a paranóica), defende-se que na descrição do aparecimento de Caeiro na carta a Casais Monteiro, perpassa "o sopro quente do psicopatológico e que o psiquiatra e o próprio médico estão sempre atentos e são especialmente sensíveis"—ou, pelo menos, "uma clivagem da personalidade bem perto do desdobramento, ou mesmo desdobramento."

AC161. Sasportes, José. "Alberto Caeiro, um poeta assassinado." *Estudos portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno-Piccho*. Lisboa: Difel, 1991. 823-832.

Em três textos de Valéry (Monsieur Teste), Fernando Pessoa (Alberto Caeiro) e Apollinaire, que parecem escritos em momentos derradeiros, anunciando uma agonia próxima, exprimem-se outros tantos balanços de vida e caminhos de sabedoria. Ao contrário do que sucedeu com Valéry e Apollinaire, para quem o jogo da morte tem carácter episódico, a morte é tema constante e central de toda a obra de Pessoa. Estudam-se as razões que o terão levado a "matar" Caeiro em 1915.

AC162. Seabra, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Editora Perspectiva 1974. (Tese defendida em 1971 na Sorbonne, sob o título *Analyse Structurale des Hétéronymes de Fernando Pessoa: du Poémodrame au Poétodrame*. Ed. portuguesa, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988; ed. francesa, Paris: José Corti, 1988; 3ª. ed. portuguesa revista, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988).

Enquanto criação poética pura, Caeiro é, de todos os heterónimos, aquele cuja biografia mais se apaga perante a obra. O seu testamento poético é simples, limitando-se à afirmação de uma confiança humilde na existência própria dos seus poemas. Dentro do "poetodrama," encarna o pólo objectivo do sistema heteronímico. O segredo da sua poética está na combinação da prosa ("linguagem natural") com o verso ("linguagem artificial"). Do ponto de vista do significante, observa-se na poesia de Caeiro uma subtil utilização dos elementos fonéticos da língua, sabendo tirar rendimento poético da combinação dos elementos de uma matéria verbal reduzida à sua expressão mais simples. Para Caeiro, o prosaísmo é o signo perfeito do poético: a sua linguagem pode, assim, classificar-se como o "grau zero" da poesia.

AC163. ———. "Poética e filosofia em Fernando Pessoa." *Nova Renascença* VIII, 30-31 (Abril-Setembro 1988): 155-160. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo. Repr. no seu *O coração do texto. Le coeur du texte. Novos ensaios pessoanos*. Lisboa: Cosmos, 1996. 19-27).

Na gradação, segundo uma escala esotérica, dos heterónimos pessoanos, é Alberto Caeiro quem leva mais longe, e pela sua dupla recusa, as relações entre a poesia e a filosofia.

AC164. ———. "A Cidade Como Mito Poético da Modernidade." *La ville dans l'histoire et dans l'imaginaire*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996. 77-89.

O fascínio e a rejeição são a dupla face que a Cidade toma na modernidade literária post-baudelairiana, que atinge a sua mais elaborada expressão na poesia heteronímica de Fernando Pessoa, numa coincidentia oppositorum de que Caeiro e Campos, ambos na esteira de Cesário Verde, se reclamam.

AC165. Segolin, Fernando. "Caeiro e Nietzsche: Da crítica da linguagem à anti-filosofia e à anti-poesia." *Actas IV, Vol. I*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1990. 247-259. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988).

O traço mais notável de parentesco entre as obras de Caeiro e de Nietzsche é a consciência, aguda e trágica, da impotência da linguagem face ao real. Textos de logro e astúcia, as obras de ambos são obras em que pontifica o vício olímpico, a gargalhada áurea, o riso desmistificador, contestação e criação, pura afirmação, pura procura sem começo nem fim, circularidade, eterno retorno.

AC166. Sena, Jorge de. "O 'meu mestre Caieiro' de Fernando Pessoa e outros mais." *Actas I*. Porto, Brasília Editora: Fundação Eng^o. António de Almeida, 1979. 341-364. (Comun. ao I C.I.E.P., Porto, 3-5 de Abril de 1978. Repr. no seu *Fernando Pessoa & C^a. Heterónima. Estudos coligidos 1940-1978*. Lisboa: Edições 70, 1981, II Vol. 207-224).

Estudo comparativo bio-bibliográfico dos participantes no fenómeno heteronímico, com especial incidência no caso de Alberto Caieiro, e das suas incidências e correlações com a vida real de Fernando Pessoa: Caieiro vivia com uma tia-avó (a tia materna de Fernando Pessoa, Maria Xavier Pinheiro?), "viveu" exactamente o mesmo tempo que Mário de Sá-Carneiro (1889-1915) e "morreu" tuberculoso como o próprio pai de Fernando Pessoa, tinha o poeta cinco anos de idade—precisamente os cinco anos fictícios de actividade poética (1911-1915) que Fernando Pessoa atribuiu ao seu "Mestre." Ao estudar Caieiro há que ter em atenção que no bucolismo literário português (Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro), os rebanhos, tal como os de Caieiro, eram puramente simbólicos. O poeta quincentista inglês Sir Philip Sidney tem na sua novela pastoril "Arcadia" um poema em que dois versos serão a chave do bucolismo do autor de "O Guardador de Rebanhos."

AC167. Sequeira, Rosa Maria. "IV. Os Engenheiros da Poesia. 1. Cesário como vivência literária de Pessoa. 1.1. Na poesia de Alberto Caieiro." *A imagem da cidade na poesia moderna: Cesário Verde e Fernando Pessoa*. Frankfurt am Main: TFM (Editora Teo Ferrer de Mesquita), 1990. 139-141

Embora não se trate necessariamente da valorização do campo e negação da cidade, o que Caieiro releva em Cesário é a atitude estética, uma inocência do olhar: é nessa atitude que reside a lição poética.

AC168. Severino, Alexandrino E. "A presença de Coleridge na obra de Pessoa-Caieiro." *U.S.D.P.* Lisboa: S.E.C., 1990. 175-177. (Comun. ao E.I.C.F.P., Lisboa, 5-7 Dezembro 1988).

Análise da questão da sinceridade em Fernando Pessoa, centrada nos poemas de Samuel Taylor Coleridge e de Alberto Caieiro, que o poeta reconhecia como dos mais sinceros do mundo.

AC169. ———. "Fernando Pessoa e William Shakespeare: Um estudo comparativo de heteronímia." *Actas IV, Vol. I*. Porto: Fundação Eng^o. António de Almeida, 1990. 13-22. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção

Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988).

Análise da presença de Shakespeare na obra global de Fernando Pessoa, sobretudo no que diz respeito à concepção dos heterónimos e à qualidade dramática que Fernando Pessoa quis atribuir à sua obra poética. O "quinto grau" da poesia lírica pessoana deve ser visto à luz da obra de Coleridge, nomeadamente do poema "Kubla Khan," cujas características de sinceridade são fielmente reproduzidas nos poemas de Alberto Caeiro.

AC170. Silva, Agostinho da. "Alberto Caeiro." *Um Fernando Pessoa*. Porto Alegre: Cadernos do Rio Grande 1959. 51-63. (2ª. publ., Lisboa: Guimarães Editores, 1959; 2ª.ed., 1988; 3ª. ed. 1996).

"O pensador ou o imaginador, ou o fantasiador, que seria talvez o termo exacto para reunir as duas categorias geralmente separadas que, juntamente com o artista, formam o poeta, é naturalmente em Alberto Caeiro muito semelhante ao escritor." *Para o Autor, o VIII Poema de "O Guardador de Rebanhos" é talvez o poema fundamental de Caeiro: Jesus, descendo à terra, foge a tudo que sobre ele lançaram "as invenções dos homens que pensam" e, feito numa criança natural, tem apenas a missão de "ensinar o poeta a olhar para as coisas." Num mundo de adultos habituados a pensar, logo os metafísicos viriam com o argumento "já não falando de contradições, de que toda a filosofia de Caeiro peca pela base." Mas a sua doutrina é "tão frágil como a sua saúde: ambas estão ameaçadas por infecções, o raciocínio e a tuberculose, que sendo infecções são fenómenos da vida e têm de ser explicados na vida, mesmo para serem destruídos."*

AC171. ———. "Um poema de Ofélia a Conselho de Alberto Caeiro' e 'Tudo é sonhar?'" *Carta vária*. Lisboa: Relógio d'Água sd (1988). 39-40, 77.

Poemas.

AC172. Silva, Luís de Oliveira e. "Alberto Caeiro: o 'Feelosopher' filosofante." *O materialismo idealista de Fernando Pessoa*. Lisboa: Clássica Editora, 1985. 9-84.

O Autor defende o romantismo da obra poética de Fernando Pessoa, que se fundamenta no dinamismo psicológico de Fichte e no pessimismo de Schopenhauer. O alvo da poesia de Alberto Caeiro não é a transmissão de sensações, mas a exposição argumentativa e apologética de uma teoria do conhecimento sensualista. Através de uma análise exaustiva dos poemas de Caeiro e das opiniões, interpretações e comentários de António Mora, Ricardo Reis e Álvaro de

Campos, aproxima-se a sua obra do pensamento de Nietzsche, que deixou “uma marca indelével no complexo heteronímico de Pessoa.” Conclui-se que “no seu empenho em não se diferenciar da Natureza, Caeiro destrói todo o idealismo,” transformando-se “num D.Quixote às avessas”: absorto num egoísmo intenso, é forçado a “ignorar tanto o bem comum da humanidade como a dignidade do ser humano singular. Mas o seu terrível egoísmo implica a sua completa despersonalização. Caeiro consegue ser um indivíduo, mas não uma pessoa.”

AC173. Silva, Teresa Cristina Cerdeira da. “O Guardador de Rebanhos. Excelência Precariedade do Jogo.” *Boletim do SEPESP*. Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988): 48-66.

Sem considerar propositadamente como ponto de partida a vasta e importante crítica já existente sobre “O Guardador de Rebanhos,” propõe-se abrir um caminho novo, seguindo, até certo ponto, as lições do “Mestre” Caeiro. Pretende-se alargar os limites da poética do fingir de Fernando Pessoa na “Autopsicografia,” indo encontrar os seus ecos nas propostas poéticas que Caeiro realiza na sua obra. As malhas de “O Guardador de Rebanhos” mostram que o poeta é duas vezes um jogador e que a actividade lúdica ou do fingimento: num primeiro nível, o jogo é poético, num segundo nível a astúcia pretende anular a própria dimensão da poesia.

AC174. Simões, João Gaspar e Luis de Montalvor. “Nota explicativa.” *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Edições Ática, 1946. 11-18.

Explicitação do critério adoptado na selecção e ordenação dos textos poéticos de Alberto Caeiro. Tal como aconteceu com o primeiro volume (poesia ortónima), os organizadores optaram “pela publicação daquelas composições que se [lhes] afiguraram dignas de representar o génio disciplinado de Fernando Pessoa,” ou seja, “aquilo que [lhes] parecesse ter atingido a sua derradeira e perfeita forma.” No caso de Caeiro, “as poesias inseridas correspondem exactamente ao número de composições encontradas em seu estado de redacção definitiva,” sendo apenas excluídas “as poesias ilegíveis, que foram, após longas leituras, consideradas completamente inaproveitáveis.” Quanto ao problema da autoria, pelos vários heterónimos, das composições inéditas encontradas sem indicação de autor, os organizadores resolveram “atribuí-las naturalmente àquele dos heterónimos com cujo estilo essas poesias mais se assemelhassem.” No caso de Caeiro, tal tarefa foi facilitada pelo facto de se ter encontrado no espólio o manuscrito escrito pelo próprio punho de Pessoa “O Guardador de Rebanhos,” conjunto de 49 poesias, “forman-

do um poema com a sequência, unidade e redacção definitiva." Quanto aos "Poemas Inconjuntos," os textos assinados "formam uma apreciável maioria" e os que o não estão fazem parte "dos maços de originais que o Poeta designou com o título de Poemas de Alberto Caeiro."

AC175. _____. *Vida e obra de Fernando Pessoa. História de uma geração*. Lisboa: Bertrand, sd [1950]. 274-287. (7ª. ed., Lisboa: Dom Quixote, 1991).

Parece legítimo perguntar em que, por que e de que maneira Alberto Caeiro foi, de facto, autor do que existe de mais sincero na obra de Fernando Pessoa, como este mesmo afirmou. Tudo indica que o que Fernando Pessoa efectivamente sentia no "dia triunfal" de 8 de Março de 1914 era exactamente o que Caeiro exprimiu nos poemas de "O Guardador de Rebanhos." No entanto, a sinceridade de Caeiro apresenta-se-nos condicionada, restrita e desumanizada: para o Autor, o conceito de sinceridade está na linha que liga a inspiração à vida, a criação à existência, a poesia à biografia. Assim, Alberto Caeiro foi sincero, mas apenas de uma forma intelectual: no bucolismo materialista e primitivo dos seus versos não se revela um homem—denuncia-se uma desintegrada e desincorporadamente poética.

AC176. Simões, João Gaspar. "VII. O movimento modernista: a geração do Orpheu (1915-1927). 1) Fernando Pessoa." *História da poesia portuguesa do século vinte acompanhada de uma antologia*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1959. 490-507.

O dia 8 de Maio [sic] de 1914, data em que escreve, praticamente de um só jacto, a parte fundamental da obra de Alberto Caeiro, assinala, no destino de Fernando Pessoa, o fim do seu período literário experimental, reconhecendo que simbolismo, decadentismo, saudosismo, paúlismo são verduras da mocidade e descobrindo que a unificação da sua personalidade não poderia realizar-se através da sensibilidade e da emoção—do misticismo poético—mas, sim, através da discriminadora inteligência. Alberto Caeiro é o agente dessa descoberta. O que com ele aprende, com o seu naturalismo pagão, servir-lhe-á para se orientar daí para o futuro no sentido que mais convém à sua natureza artística: "exprimir-se pensando."

AC177. _____. "Alberto Caeiro e o conceito de "opacidade." *Diário de Notícias* (16 Dezembro 1962).

Recensão crítica do ensaio de Maria Luisa Guerra "Sobre o conceito de opacidade na poesia de Alberto Caeiro."

- AC178. Simões, João Manuel. "Capítulo breve das ficções do interlúdio, Heteronímia, À maneira de Caeiro." *Comunidades de Língua Portuguesa. Revista Cultural dos Países de Idioma Português* II, 9 (Janeiro-Junho 1996): 134-135.

Poemas.

- AC179. Sousa, Ronald W. "Pessoa, Fernando. 'O Manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro: Edição Facsimilada.'" *Portuguese Studies Newsletter* 17 (Primavera-Verão 1987).

Recensão crítica, concluindo o Autor que "Caeiro will have to be reassessed with reference to the facsimile reproduction and to [Ivo] Castro's critical text."

- AC180. Stegagno-Picchio, Luciana. "Filologia vs. poesia? Eu defendo o 'Dia Triunfal.'" *U.S.D.P.* Lisboa: S.E.C., 1990. 63-70. (Comun. ao E.I.C.F.P., Lisboa, 5-7 Dezembro 1988).

O confronto entre as deduções da filologia acerca do testemunho de Fernando Pessoa sobre a génese de "O Guardador de Rebanhos" e o mito-testemunho do "dia triunfal" contido na carta a Casais Monteiro pode levar a reconhecer que, para ler Pessoa, sejam necessárias duas medidas ou níveis interpretativos, num jogo de dupla verdade como o utilizado pelos filósofos humanistas no séc. XV. A filologia tirou-nos o "dia triunfal"—mas Fernando Pessoa acreditava no "dia triunfal" e sem o "dia triunfal" não se explica a sua poesia.

- AC181. Suarez, José I. e René P. Garay. "A Sinceridade Poética de Alberto Caeiro." *Boletim Informativo* 2^a. s. 10 Centro de Estudos Portugueses, Universidade de São Paulo (1982).

Análise de poesia de Alberto Caeiro, que se classifica como sensorial e descritiva em relação à dos outros heterónimos e à do ortónimo. Indica-se bibliografia, algumas vezes comentada.

- AC182. Tabucchi, Antonio. "Interpretazione dell'eteronimia di Fernando Pessoa." *Studi Mediolatini e Volgari* XXIII Pacini Editore (1975): 139-187. (Parte do ensaio rep. em trad. portuguesa sob o título "O Marinheiro: Uma charada esotérica?," no seu *Pessoana mínima*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984; rep. sob o título "Il marinaio: una sciarada esoterica?" no seu *Un baule pieno di gen-*

te. *Scritti su Fernando Pessoa*. Milão: Impronte-Feltrinelli, 1990; rep. em trad. francesa sob o título "Le Marin: une énigme ésotérique?" no seu *Une malle pleine de gens. Essais sur Fernando Pessoa*. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1992; repr. em trad. alemã sob o título "Der Seemann: eine esoterische Scharade?," no seu *Wer War Fernando Pessoa?* Munique e Viena: Carls Hanser Verlag, 1992).

Utilizando dois critérios fundamentais (o primeiro, recordar os dados biográficos, o segundo fazer uma leitura da obra em termos de literatura em absoluto), conclui-se que o sistema heteronímico criado por Fernando Pessoa pode resumir-se do seguinte modo: para acreditar no mundo, o Ortónimo faz Caieiro construir um mundo igual; este mundo construído por Caieiro é aceite por Reis; e Campos, apoderando-se dele, esgota-o, obrigando o Ortónimo a postular de novo Caieiro. Todavia, os heterónimos são contemporâneos uns dos outros, diacronica e sincronicamente; não são móveis, ocupando antes um lugar fixo. Actuando num mundo intemporal, não têm futuro poético: a sua fisionomia poética será sempre aquela com que nasceram.

AC183. ———. "Introduzione." *Almanaco dello Specchio*. A cura di Marco Forti 9 Arnoldo Mondadori Editore (1980): 65-69. (In "Fernando Pessoa. Da Il guardiano di greggi di Caieiro, poema ottavo," trad. de Maria José de Lancastre. Repr. em trad. portuguesa de António Mateus Vilhena sob o título "Uma criança atravessa a paisagem. Sobre o Poema VIII de O Guardador de Rebanhos," no seu *Pessoana mínima*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984; repr. sob o título "Un bambino attraversa il paesaggio" no seu *Un baule pieno di gente*. *Scritti su Fernando Pessoa*. Milão: Impronte-Feltrinelli, 1990; rep. em trad. francesa de Jean-Baptiste Para sob o título "Un enfant traverse le paysage" no seu *Une malle pleine de gens. Essais sur Fernando Pessoa*. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1992; rep. em trad. alemã sob o título "Ein Kind geht durchs Land," no seu *Wer War Fernando Pessoa?* Munique e Viena: Carls Hanser Verlag, 1992).

A Criança do Poema VIII de "O Guardador de Rebanhos" que, em 1914, tem tendências para dormir na alma das pessoas e brincar com os sonhos dos outros, terá um não-pacífico, desconfortável e talvez "selvagem" futuro psicanalítico? O seu olhar, que é "só" um olhar e, por isso, "mais" do que um olhar, existência reduzida apenas à existência, nem acto, nem potência, nem acidente, nem substância,

será porventura uma das intuições fundamentais da filosofia do século XX, antecipando-se a Heidegger, Jaspers, Sartre?

AC184. Touati, Dominique. "L'usage de la naïveté chez Caeiro et Platonov." *U.S.D.P.* Lisboa: S.E.C., 1990. 345-347. (Comun. ao E.I.C.F.P., Lisboa, 5-7 Dezembro 1988).

Coincidências e similitudes entre os textos de Alberto Caeiro e os de Platonov, levantando-se a questão dos processos psíquicos que conduziram ao fenómeno heteronímico.

AC185. Valadares, M. J. "Elementos para uma patografia de Fernando Pessoa." *Praça Nova* (Dezembro 1962): 9-10.

A partir da verificação experimental dos princípios da tipologia de Kretschmer e suas associações morfo-psíquicas (através de casos como os de Balzac, Dostoievski e Cervantes e os tipos por ele criados), elabora-se a hipótese do "criador artístico criado" (um artista e a sua obra imaginados por um artista), realizada por Fernando Pessoa com os seus heterónimos. Neste contexto, Alberto Caeiro é classificado como um ciclotímico pícnico: vive o real, acredita nas coisas em si, sem se preocupar com o que deve pensar delas. Dos seus poemas conclui-se que era dotado de uma sensibilidade redonda, de uma alegria calma, sem complicações intelectuais de aguçada introspecção e em perfeito sintonismo com a vida prática. Caeiro deve ter sido, de todos os heterónimos, o mais difícil de realizar para Pessoa.

AC186. Valcarcel, Xulio. "Caeiro, o Mestre." *Fernando Pessoa. No centenário.* Sada, A Coruña: Edicións do Castro, 1988. 35-39.

Alberto Caeiro é um defensor radical da pessoa como individualidade: a única coisa que oferece em testamento são as datas de nascimento e morte, todos os demais dias da sua vida lhe pertencem e, quanto ao que possa vir depois da morte, apenas deseja, serenamente, o olvido.

AC187. Vieira, Monsenhor Primo. "Fernando Pessoa e o hai-kai." *Actas IV, Vol. II.* Porto: Fundação Engº. António de Almeida, 1990. 181-189. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988).

Existe no Espólio de Fernando Pessoa uma folha avulsa com cinco tentativas de composição de hai-kais, dos quais três completos e um inacabado. É através

da sensibilidade poética de Alberto Caeiro que Fernando Pessoa atinge o verdadeiro espírito do hai-kai.

AC188. Vouga, Vera. "Pessoa: Versos, verso." *Actas IV, Vol. II*. Porto: Fundação Engº. António de Almeida, 1991. 401-422. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988).

Estudo das formas poéticas de "O Guardador de Rebanhos," como um dos pilares de afirmação definitiva do verso livre em Portugal, de fulgurante especificidade.

AC189. Waldman, Berta. "Via de mão dupla." *Actas IV, Vol. I*. Porto: Fundação Engº. António de Almeida, 1990. 73-82. (Comun. ao IV C.I.E.P., Secção Brasileira, São Paulo, 27-30 Abril 1988).

Geralmente lida como produto de um realismo sensualista e fenomenista, a poesia de Alberto Caeiro patina obsessivamente na propugnação da volta ao sensível, acenando para um projecto de "coisificação" da consciência, de corporalização do sentido, de tal modo que a alma se revele corpo e o corpo, realidade exterior.

AC190. Yamaguchi, Tiekko. *Universo poético de Alberto Caeiro*. São José do Rio Preto, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1965.

Análise da obra de Fernando Pessoa assinada por Alberto Caeiro, que levanta ao leitor desprevenido uma série de problemas que, não poucas vezes, constitui uma barreira opaca quase imperceptível, de que, na maioria dos casos, não se apercebe. A poesia de Caeiro é original tanto em relação ao passado como em relação aos seus próprios contemporâneos.

3. Alberto Caeiro em tradução

Alberto Caeiro está traduzido em vinte e nove línguas estrangeiras, existindo versões integrais de "O Guardador de Rebanhos" em Alemão, Castelhana, Catalão, Dinamarquês, Francês, Grego, Inglês, Italiano e Vietnamita. A "obra completa" de Caeiro, tal como foi publicada em 1994 por Teresa Sobral Cunha, está traduzida em Dinamarquês.

Como se disse, a primeira tradução de Caeiro noutra língua (Francês), foi publicada em 1933, ainda em vida de Pessoa, por Pierre Hourcade. Só nove anos mais tarde, em 1942, surgiu a primeira tradução em Italiano, de Enzo Vólture. Em 1957, Ángel Crespo iniciou a sua longa série de traduções pessoais em Castelhana com um volume autónomo dedicado à poesia de Caeiro. Em outras

línguas, foram tradutores pioneiros dos poemas de Alberto Caeiro: em Inglês, John M. Parker (1960); em Alemão, Georg Rudolf Lind (1962); em Checo, Josef Hirsal e Pavla Lidmilová (1968); em Estónio, Ain Kaalep e em Sueco, Arne Lundgren (1973); em Finlandês, Pentti Saaritsa (1974); em Búlgaro, Georgi Mitzkov (1977); em Russo, E. Vitovsky e outros e em Holandês, August Willemssen (1978); em Grego, F. Drakodaides, em Romeno, Roxana Eminescu, em Húngaro, György Somliyó (1980); em Letão, Leons Briedis (1983); em Japonês, Mineo Ikegami e em Polaco, Witold Wirpsza (1985); em Chinês, Jin Guo Ping e Gonçalo Xavier, em Catalão, Joaquim Sala-Sanahuja e em Croata Mirko Tomasovic (1986); em Norueguês, Hennin Kramer Dahl (1988); em Dinamarquês, Peter Poulsen (1989); em Vitenamita, Diêm Cháu (1992); em Hebraico, Francisco Costa Reis e Yoram Bronowski (1993); em Turco, Isik Erguden e em Bengali, Savon Sanyal e outros (1995); em Árabe, El Mehdi Akhrif (1996); e, finalmente, em Hindi, Sharad Chandra (1997).

1. Traduções de Alberto Caeiro publicadas em volume:

ALEMÃO

AC191. Lind, Georg Rudolf. *Fernando Pessoa. Dichtungen*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1965. (*Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos"; 35 outros poemas*).

AC192. Lind, Georg Rudolf. *Fernando Pessoa. Alberto Caeiro. Dichtungen. Ricardo Reis. Oden*. Zurich,: Ammann Verlag, 1986. (2ª. ed., Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1989; 3ª. ed., 1993. Bilingue. *Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos"; 35 outros poemas*).

ÁRABE

AC193. Zahidi, Dr. Anwer. *Fernando Pessoa. Poems*. Islamabad: Embaixada de Portugal, 1977. (Bilingue Inglês-Árabe. *"O Guardador de Rebanhos," 11 poemas*).

BENGALI

AC194. Sanyal, Rita e Banerjee Sanyal. *Bis Sataker Portugese Kabita*. Calcutta: Kabitirtha, 1995. (*"O Guardador de Rebanhos," 1 poema*).

BÚLGARO

AC195. Mitzkov, Georgi. *Fernando Pessoa. Pzachtet na stada*. Sofia,: Narodna Cultura, 1977. (*"O Guardador de Rebanhos," 14 poemas; 2 outros poemas*).

AC196. ———. [*Fernando Pessoa. Poesias e Poemas*]. Sofia: Kara M, 1994. ("O Guardador de Rebanhos," 14 poemas; 2 outros poemas).

CASTELHANO

AC197. Alonso, Rodolfo. *Fernando Pessoa. Poemas*. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1961. ("O Guardador de Rebanhos," 14 poemas; 2 outros poemas).

AC198. Crespo, Ángel. *Fernando Pessoa. Poemas de Alberto Caeiro*. Madrid: Ediciones Rialp, Col. Adonais CXLVII, 1957. ("O Guardador de Rebanhos," 24 poemas; 9 outros poemas).

AC199. ———. *Fernando Pessoa. El poeta es un fingidor*. Madrid: Espasa Calpe, Seleccionces Austral, 1982. ("O Guardador de Rebanhos," 31 poemas; 13 outros poemas).

AC200. Del Barco, Pablo. *Fernando Pessoa. Poemas de Alberto Caeiro*. Madrid: Alberto Corzón Editor, Visor, 1980. (*Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos"; de 37 outros poemas*).

AC201. Garcia Martín, José Luis. *Fernando Pessoa*. Madrid, Ediciones Júcar, Col. Los Poetas, 1982. (Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 12 poemas; 9 outros poemas).

AC202. Llardent, José Antonio. *Fernando Pessoa*. Poesía. Madrid: Alianza Editorial, Alianza Tres, 1983. (2ª. ed., 1984; 8ª. ed., 1996; Nova ed., Madrid: Alianza Editorial, Biblioteca 30 Aniversario, 1997. ("O Guardador de Rebanhos," 32 poemas; 22 outros poemas).

AC203. Paz, Octavio. *Fernando Pessoa*. Antología. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1962. (2ª. ed., Editorial Laia, Barcelona, 1985. "O Guardador de Rebanhos," 7 poemas; 5 outros poemas).

AC204. Santos Torroella, Rafael. *Fernando Pessoa. Poemas escogidos*. Barcelona: Plaza & Janés, 1972. (2ª. ed., 1985. Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 7 poemas; 5 outros poemas).

- AC205. Viqueira, Miguel Ángel. *Fernando Pessoa. Obra Poética*. Madrid: Ediciones 29, 1981. (2ª. ed., id., 1983; 3ª. ed. revista e actualizada, id. 1990. Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 19 poemas; 11 outros poemas).

CATALÃO

- AC206. Joaquim Sala-Sanahuja. *Fernando Pessoa. Poemes d'Alberto Caeiro*. Barcelona: Edicions del Mall, 1986. (Bilingue. Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos" e de 44 outros poemas).

CHECO

- AC207. Hirsal, Josef e Lidmilovà, Pavla *Fernando Pessoa. Heteronyma*. Praga: Odeon, 1968. (2ª. ed., 1990. "O Guardador de Rebanhos," 5 poemas; 3 outros poemas).

CHINÊS

- AC208. Guo Ping, Jin e Gonçalo Xavier. *Antologia poética de Fernando Pessoa*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986. (Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 6 poemas; 5 outros poemas).

- AC209. Weimin, Zhang. *Fernando Pessoa. Antologia*. Pequim: Instituto da Literatura Estrangeira da Academia das Ciências Sociais da China, 1987. ("O Guardador de Rebanhos," 5 poemas; 3 outros poemas).

- AC210. ———. *Antologia de Fernando Pessoa*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988. ("O Guardador de Rebanhos," 18 poemas; 11 outros poemas).

CROATA

- AC211. Tomasovic, Mirko. *Fernando Pessoa. Poezija*. Sarajevo: Vesel Maslesa, Hyperion, 1986. ("O Guardador de Rebanhos," 20 poemas; 10 outros poemas).

DINAMARQUÊS

- AC212. Poulsen, Peter. *Alle kærlighedsbreve er latterige. Digte af Fernando Pessoa*. Copenhagen: Samleren, 1989. ("O Guardador de Rebanhos," 10 poemas e outro poema).

- AC213. ———. *Fernando Pessoa. At Være Virkelig. Digte af Alberto Caeiro*. Copenhagen: Brødum, 1999. (Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos" e de 70 outros poemas da edição Presença).

ESTÓNIO

- AC214. Kaalep, A. *Fernando Pessoa. Auto-psiühbgraafia*. Tallin: Izd. Periodika, 1973. ("O Guardador de Rebanhos," 9 poemas; 6 outros poemas).

FINLANDÊS

- AC215. Saaritsa, Pentti. *Fernando Pessoa. Hetkien vaellus*. Helsínquia: Helsgissa Justannusosakeytio Otava, Delfiikirja, 1974. ("O Guardador de Rebanhos," 7 poemas; 5 outros poemas).

FRANCÊS

- AC216. Breyner, Sophia de Mello. *Quatre poètes portugais. Camões, Césarío Verde, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais Presses Universitaires de France. Coll. Poètes et prosateurs du Portugal, 1970. (2ª. ed., 1979. Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 9 poemas; 8 outros poemas).

- AC217. Chandeigne, Michel, Patrick Quillier e Maria Antónia Câmara Manuel. *Fernando Pessoa. Poèmes païens. Alberto Caeiro: Le Gardeur de troupeaux. Le berger amoureux. Poèmes desassemblés. Ricardo Reis: Odes*. Paris: Christian Bourgois, 1989. (Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos" e de 53 outros poemas).

- AC218. Chandeigne, Michel, Françoise Laye e Patrick Quillier. *Fernando Pessoa. Je ne suis personne*. Paris: Christian Bourgois, 1994. ("O Guardador de Rebanhos," 15 poemas; 12 outros poemas).

- AC219. Deluy, Henri. *Fernando Pessoa. Poèmes*. Paris: Fourbis, 1997. ("O Guardador de Rebanhos," 3 poemas; 6 outros poemas).

- AC220. Guibert, Armand. *Fernando Pessoa. Bureau de tabac et autres poèmes*. Paris: Caractères, Coll. Planètes, 1955. ("O Guardador de Rebanhos," 18 poemas; 2 outros poemas).

- AC221. ———. *Fernando Pessoa. Le gardeur de troupeaux et les autres poèmes d'Alberto Caeiro*. Paris: Gallimard, 1960. (*Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos" e de 43 outros poemas*).
- AC222. ———. *Fernando Pessoa*. Paris: Editions Pierre Seghers, Coll. Poètes d'aujourd'hui 73, 1960. (2^a. ed. 1975. "*O Guardador de Rebanhos*", 4 *poemas*; 3 *outros poemas*).
- AC223. ———. *Poésies d'Alvaro de Campos avec Le gardeur de troupeaux et les autres poèmes d'Alberto Caeiro*. Paris: Gallimard, 1987, 285 p. (2^a. ed., sob o título *Fernando Pessoa. Le gardeur de troupeaux et les autres poèmes d'Alberto Caeiro avec poésies d'Alvaro de Campos*. Paris: Gallimard, 1996. *Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos" e de 41 outros poemas*).
- AC224. Hourcade, Rémy e Jean-Louis Giovannoni. *Le gardeur de troupeaux. Poème d'Alberto Caeiro*. Le Muy: Éditions Unes, 1986. (Ed. definitiva, 1993. *Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos"*).
- AC225. Lopes, Teresa Rita. *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être*. Paris: La Différence, 1985. ("*O Guardador de Rebanhos*," 6 *poemas*; 6 *outros poemas*).
- AC226. Touati, Dominique. *Poèmes d'Alberto Caeiro publiés du vivant de Fernando Pessoa*. Paris: La Différence, 1989. (Bilingue. "*O Guardador de Rebanhos*," 24 *poemas*; 16 *outros poemas*).
- GREGO
- AC227. Drakodaides, F.D. [*Fernando Pessoa. Poemas de Alberto Caeiro*]. Atenas: Gnossi, 1980. (*Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos" e de 37 outros poemas*).
- HEBRAICO
- AC228. Reis, Francisco da Costa e Yoram Bronowski. *Fernando Pessoa. Kol halo-mot haolam*. Jerusalém: Carmel, 1993. ("*O Guardador de Rebanhos*," 20 *poemas*; 12 *outros poemas*).
- HINDI
- AC229. Chandra, Sharad. *Fernando Pessoa. Ki Kavitateyn*. Delhi: Saransh, 1997. ("*O Guardador de Rebanhos*," 7 *poemas*; 4 *outros poemas*).

HOLANDES

- AC230. Willemsen, August. *Fernando Pessoa. Gedichten*. Amsterdam: Utigeverij De Arbeiderspers, 1978. (Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 9 poemas; 4 outros poemas).

HÚNGARO

- AC231. Pál, Ferenc, e outros. *Fernando Pessoa. Arc többes szamban*. Budapeste: Helikon Kiadó, 1988. ("O Guardador de Rebanhos," 13 poemas e 2 outros poemas).
- AC232. Somlyó, György. *Fernando Pessoa. Ez az ôsi szorongás*. Budapeste: Európa Könyvkiadó, 1969. (2^a. ed. Budapeste: Magvetô, 1998. "O Guardador de Rebanhos," 1 poema; 18 outros poemas).

INGLÊS

- AC233. Bosley, Keith. *A Centenary Pessoa*. Manchester: Carcanet, in association with The Calouste Gulbenkian Foundation, The Instituto Camões, The Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995. (1^a. ed. em paperback, 1997. "O Guardador de Rebanhos," 10 poemas; 2 outros poemas).
- AC234. Green, J. C. R. *Fernando Pessoa. By Weight of Reason*. Shirley, Solihull, Warks: The Aguila Publishing Co. Ltd., 1968. ("O Guardador de Rebanhos," 10 poemas; 2 outros poemas).
- AC235. ———. *The Keeper of Flocks*. Breakish, Isle of Skye: The Phaeton Press, The Aguila Publishing Co. Ltd., 1976. ("O Guardador de Rebanhos," 19 poemas).
- AC236. Griffin, Jonathan. *Fernando Pessoa. I-IV*. Oxford: Carcanet Press, 1971. ("O Guardador de Rebanhos," 15 poemas; 4 outros poemas).
- AC237. ———. *Fernando Pessoa. Selected Poems*. London: Penguin Modern European Poets, Penguin Books, 1974. (2^a. ed., 1982; repr. 1988. "O Guardador de Rebanhos," 12 poemas; 3 outros poemas).
- AC238. Honig, Edwin. *Selected Poems by Fernando Pessoa*. Chicago: The Swallow Press, 1971. (Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 9 poemas; 2 outros poemas).

- AC239. Honig, Edwin e Susan M. Brown. *Poems of Fernando Pessoa*. New York: The Ecco Press, 1986. (2ª. ed., San Francisco: City Lights, 1998. "O Guardador de Rebanhos," 21 *poemas*; 4 *outros poemas*).
- AC240. ———. *The Keeper of Sheep by Fernando Pessoa*. New York: The Sheep Meadow Press, 1986. (*Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos"*).
- AC241. Jennings, Hubert D. *Fernando Pessoa in Durban*. Durban: Durban Corporation, s.d. (1986). ("O Guardador de Rebanhos," 12 *poemas*; 5 *outros poemas*).
- AC242. Merton, Thomas. *Fernando Pessoa. The Keeper of Flocks*. Kentucky: Abbey of Our Lady of Gethsemani, 1965. (Repr. in "*Fernando Pessoa. Twelve poems from 'The Kepper of the Flocks,'*" *New Directions. Prose and Poetry*, 19. New York: New Directions, 1966; também in *The Collected Poems of Thomas Merton*. New York: New Directions, 1977. ("O Guardador de Rebanhos," 12 *poemas*).
- AC243. Monteiro, George. *Fernando Pessoa. Self-Analysis and Thirty Other Poems*. Lisboa: Calouste Gulbenkian Foundation, 1988. (Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 2 *poemas*; 3 *outros poemas*).
- AC244. Quintanilha, F.E.G. *Fernando Pessoa. Sixty Portuguese Poems*. Cardiff: University of Wales Press, 1971. (Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 2 *poemas*; 3 *outros poemas*).
- AC245. Rickard, Peter. *Fernando Pessoa. Selected Poems*. Edburgh e Austin: Edinburgh University Press, University of Texas Press, 1971. (Bilingue. "O Guardador de Rebanhos," 11 *poemas*).
- AC246. Zenith, Richard. *Fernando Pessoa & Co.* New York: Grove Press, 1998. ("O Guardador de Rebanhos," 16 *poemas*; 21 *outros poemas*).

ITALIANO

- AC247. Cicogna, Enrico. *Fernando Pessoa. Il guardiano di greggi*. Milão * Milano: s.e., 1957. ("O Guardador de Rebanhos" 16 *poemas*); 21 *outros poemas*).

- AC248. Civitareale, Pietro. *Fernando Pessoa. L'enigma e le maschere. 44 poesie*. Faenza: Mobydick, Cooperativa Tratti, 1993. (Repr. Milão * Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1996. "O Guardador de Rebanhos," 7 poemas; 4 outros poemas).
- AC249. Panarese, Luigi. *Poesie di Fernando Pessoa*. Milão * Milano: Lerici Editori, 1967. (2ª. edição corrigida e aumentada, sob o título Fernando Pessoa. *Iminenza dell'ignoto*. Milão * Milano: Edizioni Accademia, 1972. 3ª. Edição * edizione, sob o título Fernando Pessoa. *Poesie*. Florença * Firenze : Passigli Editori, 1993. Bilingue. "O Guardador de Rebanhos", 6 poemas; 8 outros poemas).
- AC250. Tabucchi, Antonio. *Fernando Pessoa. Una sola moltitudine*. Milão * Milano: Adelphi Edizioni, 1984. Vol. II. (Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos").

JAPONÊS

- AC251. Ikegami, Mineo. [*Mar português. Poesias de Fernando Pessoa*]. Tóquio: Sairyu-Sha, 1985. ("O Guardador de Rebanhos," 14 poemas; 2 outros poemas).

LETÃO

- AC252. Briedis, Leons. *Fernando Pessoa. Zudusais darz*. Riga: Liesma, 1983. ("O Guardador de Rebanhos," 12 poemas; 5 outros poemas).
- AC253. ———. *Fernando Pessoa. Zudusais darz*. Riga: Minerva, 1999. ("O Guardador de Rebanhos," 14 poemas; 7 outros poemas).

NORUEGUÊS

- AC254. Dahl, Hening Kramer. *Fernando Pessoa. Det er ikke meg jeg forestiller*. Oslo: Solum Forlag, 1988. ("O Guardador de Rebanhos," 18 poemas).

ROMENO

- AC255. Eminescu, Roxana. *Fernando Pessoa. Ploaie oblica*. Bucareste: Editura Univers, 1980. ("O Guardador de Rebanhos," 9 poemas; 2 outros poemas).

RUSSO

AC256. Vitovsky, E. e outros. *Fernando Pessoa. Lirika*. Moscovo: Khudozhestvennaia Literatura, 1978. ("O Guardador de Rebanhos," 4 poemas; 6 outros poemas).

AC257. ———. *Fernando Pessoa. Lirika*. Moscovo: Khudozhestvennaia Literatura, 1989. ("O Guardador de Rebanhos," 15 poemas; 10 outros poemas).

SUECO

AC258. Lundgren, Arne. *Fernando Pessoa. Ett diktaröde*. Estocolmo: Ny litteratur Futura Förlag, 1973. ("O Guardador de Rebanhos," 3 poemas; 2 outros poemas).

AC259. ———. *Fernando Pessoa. Stilla, mitt hjärta*. Lysekil: Fabians Förlag, 1988. ("O Guardador de Rebanhos," 3 poemas; 2 outros poemas).

TURCO

AC260. Erguden, Isik. *Fernando Pessoa. Sirlar cebri*. Istanbul: Nisan Yaylari, 1995. ("O Guardador de Rebanhos," 3 poemas).

VIETNAMITA

AC261. Châu, Diêm. *Fernando Pessoa. Ngu'òì chan giu' dân thú và nhun'g bài thơ' khác của Alberto Caieiro*. s.l.: Trình Bầy, 1992. (Trad. integral de "O Guardador de Rebanhos" e de 44 outros poemas).

2. Principais traduções de Alberto Caieiro publicadas em periódicos:

CASTELHANO

AC262. Crespo, Ángel. *Armas y Letras*, 6,2 (Junho 1963): 81-97. ("O Guardador de Rebanhos," 5 poemas; outro poema)

AC263. ———. *Antropos. Suplementos 4. Antologías Temáticas*. (1987): 5-15, 17-22, 23-30. ("O Guardador de Rebanhos," 6 poemas; 3 outros poemas).

AC264. Llardent, José Antonio. *Poesia. Revista ilustrada de información poética*. 7-8 (1980). ("O Guardador de Rebanhos," 12 poemas; 12 outros poemas).

FRANCÊS

AC265. Deluy, Henri e outros. *Action Poétique*. 104 (Verão 1986): 12-13, 20-22, 39-40. (9 poemas).

INGLÊS

AC266. Harvey, Andrew. *Normal. A Quarterly of Arts and Ideas*. 3 (Inverno 1987): 16-23. ("O Guardador de Rebanhos," 2 poemas; 6 outros poemas).

AC267. Jennings, Hubert D. *Contrast*, 27,VII (Novembro 1971): 51-64. ("O Guardador de Rebanhos," 4 poemas; 1 poema).

POLACO

AC268. Hrankowska-Jura, Elzbieta. *Literatura na swiecie 2* (1988): 271-288. ("O Guardador de Rebanhos," 1 poema; 5 outros poemas).

ROMENO

AC269. Flamand, Dinu. *Secolul 20. Revista de Steza*. 334-335-336 (1990-1991): 83-87, 94-111, 112-119. ("O Guardador de Rebanhos," 6 poemas; 3 outros poemas).

Notas

¹ É curioso que Régio não tenha mencionado Ricardo Reis de quem, nessa altura, Pessoa já tinha publicado 30 odes (no nº. 1 da *Athena*, de Outubro do ano anterior).

² pp. 171-191.

³ Repr. no seu *Temas de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Moraes Editores, 1978. 133-136 (tradução portuguesa de Álvaro Salema).

⁴ Cabe a Pierre Hourcade a glória de ter sido o primeiro tradutor de Fernando Pessoa para uma língua estrangeira, com a publicação na revista marseleza *Cahiers du Sud*, em Janeiro de 1933 (portanto, ainda em vida de Pessoa), dos poemas XIII, XLIII e XLIX de "O Guardador de Rebanhos," de Alberto Caeiro, do poema "Apontamento" de Álvaro de Campos e das duas últimas estrofes do poema ortónimo "O Último Sortilégio."

⁵ O texto de Hourcade foi quase todo ele reproduzido na revista *Je suis partout* (nº. 28, 6 de Junho de 1931), sob o título "La jeune littérature portugaise." Na parte relativa a Alberto Caeiro, o artigo reproduzido omite o último período sobre o carácter filosófico de "O Guardador de Rebanhos."

⁶ Repr. no seu *Temas de Literatura Portuguesa*, pp. 129-133 (tradução portuguesa de Álvaro Salema).

⁷ Na mesma página e sob a epígrafe comum "In Memoriam," Almada Negreiros publicava o artigo "Fernando Pessoa, poeta português."

⁸ Gaspar Simões enganava-se, pois, em dimensões, a *Mensagem* tem 44 poemas, contra os 39 de Alberto Caeiro publicados por Pessoa na *Athena*.

⁹ A propósito do artigo de Castilho, Eduardo Lourenço sublinha : “a análise e os conceitos que G. de C. utiliza para descrever a visão metafísica de Caeiro—de um Caeiro lido na linha das suas afirmações—encontrar-se-á, intacta, em todos os comentadores futuros que o re-utilizam quase palavra a palavra, citando-o ocasionalmente” (no seu Pessoa revisitado, 2ª. ed., Lisboa: Moraes Editores. 1981. 191.

¹⁰ “Fernando Pessoa,” in *Antologia Moderna*, Lisboa: Sá da Costa, 1937. 65-88.

¹¹ Repr. no seu *Heteropsicografia de Fernando Pessoa*, Porto: Inova, 1973. 146-164.

¹² *Ibid.* 165-179.

¹³ *Seara Nova*, XVIII. 361, 239-240.

¹⁴ A antologia reúne poemas publicados em vida de Pessoa, em revistas e jornais, e na “Mensagem.” Em matéria de inéditos, Casais Monteiro publica “No Túmulo de Christian Rosencreutz.”

¹⁵ Ao reproduzir este artigo em Apêndice à sua colectânea *Nos passos de Pessoa* (Lisboa: Presença, 1988, p.171), o autor comenta, com humor: “(...) em Apêndice vem incluído, por se lhe afigurar demasiadamente imaturo, o mais remoto dos textos que a Fernando Pessoa dedicou (...). De qualquer modo, e apenas a título de curiosidade (ou de auto-punição), reimprime-se aqui na íntegra, sem a alteração sequer de uma vírgula.”